

KEN WILBER

POLÍTICA INTEGRAL

UM RESUMO DE SEUS INGREDIENTES ESSENCIAIS

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega

Sobre este e-book:

O texto a seguir é um breve excerto de uma série que Ken vinha trabalhando em meados dos anos 2000 intitulada *As Muitas Faces do Terrorismo*. Na verdade, você não precisa conhecer o enredo, já que este excerto não trata dele e, além do mais, ele é muito denso para ser resumido em uma breve introdução. Tudo o que você precisa saber é que a narrativa é ficticiamente escrita por um jovem de 25 anos chamado Ken Wilber (parte da cutucada do Ken na autorreflexividade do pós-modernismo), que acaba de descobrir que Kim, sentada a seu lado, o está considerando como um potencial pai para seus filhos – crianças que, dado o futuro nanobótico delas, podem ter imortalidade biológica. Ken está loucamente apaixonado, da mesma forma que a pessoa que está sentada do outro lado dele, uma professora chamada Margaret. Sua luta para sustentar uma conversa, variando entre a lógica e o amor, é a parte engraçada do texto. A parte séria, claro, é algo que pode se transformar no primeiro mapa Integral¹ de política jamais concebido que, neste e-book, é descoberto/criado pela professora Lesa Powell (o objeto do afeto mútuo de Margaret).

Uma nota do Ken:

“Ei pessoal, aqui é o Ken. Este texto faz parte de um longo trabalho em andamento que comecei a escrever por volta de 2004 – agora já são três volumes que chamamos simplesmente de ‘A Trilogia do Terrorismo’. Este é um esboço extremamente cru e grosseiro; embora creia que seus fundamentos já estejam bastante precisos, continuo a refiná-los. A forma como é apresentado se deve ao fato de que ele foi escrito como uma continuação de *Boomeritis*.² Ele é extremamente repetitivo porque parte dele – chamado de ‘Folheto’ – será uma seção completamente independente e, assim, tudo o que o texto faz é repetir o que está no Folheto; isto pode ser irritante e é definitivamente maçante. Outro ponto que se deve ter em mente é que todo ele – incluindo *Boomeritis* – foi escrito antes que as guerras culturais se tornassem extremamente polarizadas como estão hoje – e eu continuo escrevendo sobre isso. Mas o que é surpreendente, como muitas pessoas me disseram, é como *Boomeritis* foi preciso na detecção dos tipos de idiotices que degeneraram nas guerras culturais. Na época, alguns críticos acusaram o livro de ser exagerado ou de ter superestimado esses problemas, mas ele acertou em cheio (ou até os subestimou). De qualquer forma, por favor, aproveitem. (E fiquem atentos aos mais recentes escritos sobre política e as guerras culturais que publicaremos...)”

KW

¹ A palavra “integral” aparecerá ao longo do texto grafada algumas vezes com I maiúsculo e outras com i minúsculo. Wilber usa essas grafias da seguinte forma: “Integral” quando ele se refere especificamente ao seu Modelo Integral e “integral” quando se refere ao pensamento de outros teorizadores integrais que não usam o seu Modelo. (N.T.)

² Até o momento, único romance de Ken Wilber, escrito em 2002, e publicado no Brasil pela Editora Madras, em 2005, com o título *Boomerite – um romance que tornará você livre*. (N.T.)

“É incrível que, até hoje, ninguém tenha conseguido dar uma definição satisfatória para liberal e conservador ou, mais genericamente, para a Esquerda e a Direita do centro político. Vamos refinar essas definições ao longo deste texto; por enquanto, nós as atribuiremos, sem muita precisão, aos Democratas e Republicanos dos Estados Unidos da América.

“Existem, é claro, muitas definições que foram apresentadas para ‘Democrata’ e ‘Republicano’, e várias são bastante úteis. Mas nenhuma delas parece acertar o alvo de forma simples, nítida e óbvia. Exceto uma, e tenho orgulho de dizer que ela foi sugerida pela primeira vez por um dos nossos membros do Centro Integral (CI) no livro *Up from Eden*.³ Qual é a diferença fundamental entre Democratas e Republicanos, ou entre a Esquerda e a Direita? Aqui está uma maneira fácil de saber. Se fizerem a simples pergunta – *Por que os seres humanos sofrem?* – vocês terão duas respostas básicas. A Direita dirá: *you suffer for your sin*; a Esquerda dirá: *you suffer for the sin of another person*.

“Por exemplo, por que algumas pessoas são pobres? O Republicano dirá: ‘Porque elas são preguiçosas, não trabalham o suficiente, têm uma mentalidade de exigir direitos, são indolentes, não têm valores familiares, não têm uma ética de trabalho adequada: eu trabalhei muito pelo meu dinheiro, que elas trabalhem duro pelo delas!’ O Democrata dirá: ‘Elas são pobres porque são oprimidas, não tiveram uma oportunidade justa, são humilhadas, são vítimas – não é culpa delas, é culpa da sociedade.’ *Em geral, o Republicano coloca a culpa dentro; o Democrata, fora.*

“Consideremos a candente questão do controle de armas – o que devemos fazer para refrear as quase 50.000 mortes anuais por arma de fogo neste país? O Republicano responde: os criminosos conseguem armas de qualquer maneira, portanto, permitamos que cidadãos responsáveis tenham as armas que desejarem, porque o problema não está fora; em vez disso, devemos instilar a moralidade em nossa sociedade: educar as crianças para que tenham valores familiares e não saiam por aí matando pessoas com armas ou por outros meios. O democrata diz: proíba todas as armas.

“Em outras palavras, o Republicano acha que o problema é interno, o Democrata, externo. E eles ficam furiosos – absolutamente possessos – um com o outro. Tomemos o ataque em Columbine, Colorado, onde [houve 13 vítimas fatais]. Os liberais deram-se as mãos e fizeram filmes como *Bowling for Columbine* [*Tiros em Columbine*], que apresentava uma solução simples para a calamidade: eliminem-se as armas, ponto final, e tragédias como essa nunca mais ocorrerão. Os conservadores responderam com o rosto vermelho e com a mesma raiva: os criminosos conseguem armas de qualquer maneira; portanto, o verdadeiro problema não são as armas, mas uma sociedade liberal que não internalizou nenhum senso de vergonha, não acredita em **autocontrole** ético e por isso deve usar o **controle de armas**, quase convidando as pessoas a se engajarem nesse tipo de narcisismo radical.

“E, assim, continua o furioso debate interior-exterior sobre a causa do sofrimento humano – das armas à pobreza, do aborto ao desemprego. *Bem-estar econômico* – **Republicano**: incuta valores de zelo pessoal, ética no trabalho e capitalismo de livre mercado, e aqueles que merecerem, prosperarão; **Democrata**: redistribua a riqueza. *Aborto* – **Democrata**: liberação do aborto; **Republicano**: pratique sexo responsável e abstinência, e não se precisará abortar. *Sem-teto* – **Democrata**: disponibilize moradia para aqueles que são privados de direitos; **Republicano**: ensine os valores da autorresponsabilidade e diligência, e não se terá muitos indigentes. *Fome mundial* – **Democrata**: alimente os famintos; **Republicano**: ensine-os a se alimentar. Em cada caso, o Republicano recomenda basicamente mudanças *interiores*, o Democrata, mudanças *exteriores*.

³ Referência ao próprio Ken Wilber. Este livro foi publicado no Brasil pelo Editora Verus em 2010 com o título *Éden: Queda ou Ascensão?* (N.T.)

“Da mesma forma, quando se trata de transformação social, o Republicano recomenda *desenvolvimento interior* (formação de caráter, valores familiares, valores religiosos, diligência, autorresponsabilidade, ética no trabalho); o Democrata recomenda *desenvolvimento exterior* (progresso material, redistribuição econômica, atendimento universal de saúde, estatismo assistencialista). Naturalmente, existem todos os tipos de exceções e mesclas. Mas, em geral, essa é uma diferença genuinamente básica na orientação sociopolítica entre o Democrata e o Republicano.

“Assim, essa é a primeira variável de uma Política Integral, ou seja, *onde a teoria ou os movimentos políticos localizam a fonte do sofrimento humano?* Esta é a *escala interno-externo*, que é particularmente importante porque, em última instância, é quem ou o que você culpa por seus problemas – e pelos problemas da sociedade – e o que você recomenda para resolvê-los. Este é um enorme divisor entre muitos partidos políticos, e uma das principais fragmentações que uma Política Integral terá de integrar. Mas, como veremos, existem diversas variáveis importantes em uma Política Integral, e precisamos verificar onde cada movimento político se encaixa em função de todas essas variáveis.

“Nos termos do Código AQAL, isto significa simplesmente que os ‘interioristas’ ou ‘internalistas’ – que são principalmente os Republicanos neste país – enfatizam a importância dos quadrantes⁴ do Lado Esquerdo para explicar o sofrimento humano, enquanto os ‘exterioristas’ ou ‘externalistas’ – geralmente Democratas – enfatizam os quadrantes do Lado Direito como causa primária do sofrimento humano. Para tornar o mundo melhor, os Republicanos querem consertar principalmente os quadrantes interiores (Lado Esquerdo); os Democratas querem consertar os quadrantes exteriores (Lado Direito).”

“Dra. Powell, você poderia relacionar isso, brevemente, com ações beligerantes como o 11 de setembro?”, um aluno na quarta fileira perguntou.

“Claro. Bom revê-lo, Steven. Tentemos assim. Quando você pergunta aos Republicanos o que poderia ter causado o envolvimento de militantes em tais atos desesperados, eles não hesitarão em atribuir praticamente toda a culpa aos próprios terroristas: eles são maus, eles são subumanos, eles carecem de qualquer tipo de valores, eles não têm caráter, falta-lhes o verdadeiro Deus, ou o que seja, mas, em última análise, é *culpa deles*, ponto final. É um problema interno – seus interiores são degenerados.

“E o Democrata típico vai para o outro extremo e culpa os exteriores: sim, os terroristas são responsáveis por esses atos, mas é algo terrível em seu ambiente que os faz agir assim. E, neste caso, esse algo terrível é uma palavra de oito letras: Ocidente.

“O Código AQAL nos diz que *ambas* as visões apresentam um grau de verdade (simplesmente porque *todas* as ocasiões possuem os quadrantes do Lado Esquerdo e do Lado Direito). Mas voltemos ao terrorismo, tudo bem? Ninguém no cenário mundial – absolutamente ninguém, aqui ou no exterior, teórica ou praticamente, no meio acadêmico ou em função pública – está assumindo uma postura de Política Integral, de modo que as respostas ao terrorismo militante, previsível e infelizmente, caem em uma dessas duas visões dualistas, parciais e fragmentadas; queremos ver se conseguimos fazer algo melhor.”

⁴ Quadrante é um dos cinco componentes do Modelo Integral de Ken Wilber (os outros são nível, linha, estado e tipo). Tudo que existe apresenta, no mínimo, quatro aspectos: “interior”, “exterior”, “individual” e “coletivo”. Da combinação desses aspectos, nascem os quatro quadrantes: “exterior-individual” ou “comportamental”, “interior-individual” ou “intencional”, “interior-coletivo” ou “cultural” e “exterior-coletivo” ou “social”. Na figura dos quadrantes, os quadrantes exteriores (comportamental e social) ficam no Lado Direito e os quadrantes interiores (intencional e cultural) ficam no Lado Esquerdo. (N.T.)

“Obrigado, Dra. Powell.”

“Eu é que agradeço, Steve.” Lesa faz uma pausa, consulta suas anotações, olha para Margaret que, por algum motivo, havia entrado acompanhada da Sharlene, e continua. “Ora, **essa é a primeira variável de uma Política Integral que precisamos incluir – ênfase no interno versus externo, ou nos quadrantes do Lado Esquerdo e do Lado Direito.** A segunda variável envolve os níveis propriamente ditos: *de qual nível geral de desenvolvimento* o partido ou movimento político se origina, enfatiza ou atua?”

“Darei exemplos disso daqui a pouco. Mas vocês veem onde eu quero chegar, certo? O Código AQAL – todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos – nos proporciona uma forma de entender a política de um modo muito profundo e significativo: vocês simplesmente precisam localizar o partido ou movimento político na matriz AQAL. Vou repetir: simplesmente localizem o movimento na matriz AQAL. Basta encontrar o seu Endereço Cósmico e vocês vão começar a entender exatamente a proposta do partido político e o que ele quer fazer...”

“Muito bem”, continua Lesa, “voltaremos a esse ponto. Quando se trata de política, para simplificar esse Endereço Cósmico, usamos quatro variáveis maiores (e algumas menores) e tentamos integrar todas elas na Política Integral. Essas variáveis são: quadrantes interiores/exteriores, quadrantes individuais/coletivos, altitude ou níveis e tipo transformação/translação.

“Acabamos de apresentar *interior/exterior* (ou *interno/externo*). Refere-se à suposta causa do sofrimento humano: onde é que o movimento político busca a reforma social, na responsabilidade individual ou na responsabilidade do estado? *Individual/coletivo* refere-se aos quadrantes superiores e quadrantes inferiores: o movimento político enfatiza mais direitos individuais ou direitos coletivos? *Altitude*, claro, refere-se ao *nível de consciência* do qual o partido político se origina, bem como a que nível se destina – em outras palavras, a parte dos níveis da equação matricial. E o *tipo transformação/translação* refere-se ao tipo de processo de mudança que é recomendado: progressista e transformativo ou conservador e translativo? Há outras variáveis menores que mencionaremos, mas esses são as principais. **Elas constituem três eixos independentes (internalista/externalista, individualista/coletivista, progressista/conservador)** em cada um dos principais níveis. O uso desse esquema nos permite indexar e classificar com precisão cada importante movimento político existente.

“Política Integral, muito simplesmente, significa uma política que inclui e integra todos os itens revelados pelo Código AQAL – particularmente todos os quadrantes em todos os níveis. Uma vez que AQAL é a estrutura da existência humana, qualquer política que não consiga levar todas as dimensões em conta está condenada a vagar na prisão da parcialidade, eliminando, torturando e escravizando aqueles que afirma ajudar e governar.

“Como um exemplo de níveis de consciência na política, vou me concentrar em uma área que é dramaticamente afetada pelos níveis. E faremos isso revendo brevemente a história – a genealogia, se preferirem – do movimento político *vertical* no Ocidente, dando o panorama de 50.000 pés – isto é, uma generalização orientadora bem ampla – que é detectado usando o código AQAL...”

“Começamos nossa história, notando que, neste país, Republicanos ou conservadores da corrente dominante têm valores *âmbar*/tradicionalistas muito fortes. Assim, quando dizem que ‘o caráter conta’, ou que querem ‘incutir valores nas pessoas’, ou que são ‘o partido de valores’, eles quase sempre se referem *apenas* a valores *âmbar*, valores tradicionais, valores etnocêntricos: nacionalismo, valores de família, militarismo, patriotismo, patriarcalismo, antigas e boas prescrições bíblicas e moralidade de

controle. Eles *não* se referem a valores verdes, valores vermelhos, valores *teal* [verde-água ou azul-esverdeado], valores turquesa, etc.

“Mas esse tipo de movimento político tradicional e conservador – fundamentado na associação mítica e no sistema de valores âmbar – foi a forma dominante de governança na maior parte da história civilizada da humanidade, no Oriente e no Ocidente, desde o grande Período Axial (por volta do século VI a.C.) até o Iluminismo no Ocidente. Essa estrutura de valores âmbar, e os sistemas de governança que sustentava, era a dos grandes impérios republicanos e nações antigas, leste e oeste, norte e sul, Roma sendo um dos mais poderosos. Eram sociedades agrárias (no Quadrante Inferior Direito) e, portanto, normalmente tinham uma cultura mítico-associativa de valores âmbar ou tradicionais (no Quadrante Inferior Esquerdo). No seu melhor e mais sadio, *e para a sua época*, essas culturas foram exemplos de beleza e admiração.

“Claro, antes das sociedades âmbar, tradicionais, etnocêntricas, agrárias, existiam, principalmente, sociedades vermelhas, egocêntricas, de senhores da guerra com poder brutal e escravos humanos, todas engajadas em lutas tribais e frequente anarquia social. De vez em quando, um partido político atual apelará para o instinto de poder vermelho, anárquico, tribal nas pessoas, especialmente nos homens, mas há poucos governos no mundo de hoje que conseguem sustentar esses valores apenas por si mesmos, embora algumas ditaduras – e devemos incluir a de Saddam Hussein – cheguem muito perto disso. E quando se observa o colapso da União Soviética, com seu totalitarismo âmbar – por mais que esse totalitarismo precisasse ser desmantelado – em vez de transformação para cima houve transformação para baixo, uma perda de altitude; e à medida que o âmbar se desintegrou, ressurgiu o vermelho, e a máfia russa é, agora, a mais temida sociedade vermelho-tribal do planeta.

“Mas o ponto importante a ser observado é que, justamente porque o espectro de consciência e da espiral de valores é constantemente regenerado – *todo mundo nasce na estaca zero* e começa seu crescimento através da espiral existente em sua cultura à época – então, mesmo hoje, no mundo moderno/laranja, valores mágicos/magenta⁵ ainda estão por aí, e valores egocêntricos/vermelhos ainda estão por aí, e valores tradicionais/âmbar⁶ ainda estão por aí – e, portanto, sempre haverá seres humanos que, estacionando nessas estações de valor em suas respectivas vidas, serão atraídos por líderes políticos, filosofias e sistemas que dão voz a esses valores – seus valores. Desse modo, como veremos, existem blocos de eleitores vermelhos, blocos âmbar, blocos laranja, blocos verdes e assim por diante...

“Historicamente, o estágio **magenta** ou mágico-animista surgiu em seres humanos talvez não antes de 500.000 a.C. Por volta de 50.000 a.C., a onda **vermelha** começou a surgir e iniciar sua longa e colorida carreira. A onda **âmbar** começou a surgir por volta de 10.000 a.C. com a invenção da agricultura, ganhou uma forma madura e dominante durante o primeiro milênio d.C., com a Grécia e Roma como exemplos típicos, e continuou a ser o modo preponderante de consciência certamente até as nações que surgiram na Europa no período do Renascimento. Claro, a questão toda é que, mesmo que a cultura dominante da sociedade seja âmbar, existem bolsões ou subculturas de todos os estágios anteriores, onde ainda se encontram muitas pessoas, e também uma pequena porcentagem em alguns dos estágios

⁵ O magenta corresponde ao roxo. Esta correlação de cores se faz necessária porque inicialmente, para designar os níveis de consciência, Wilber usava a escala de cores da Espiral de Desenvolvimento de Don Beck e Chris Cowan (ver Apêndice A). Posteriormente, Wilber passou a usar o espectro de cores do arco-íris com a seguinte correlação: bege-infravermelho, roxo-magenta, vermelho-vermelho, azul-âmbar, laranja-laranja, verde-verde, amarelo-*teal* (azul esverdeado ou verde-água), turquesa-turquesa, coral-índigo. Neste texto, ele usa as duas escalas de cores indistintamente. (N.T.)

⁶ No Apêndice A, o âmbar corresponde ao azul. (N.T.)

mais elevados. Portanto, em uma cultura cujo centro de gravidade seja âmbar, ainda encontraremos grandes bolsões de magenta e vermelho, bem como algum laranja e verde incipientes. Assim, ocorre uma série contínua de guerras culturais de diversas formas no âmbito de cada sociedade. (Também encontramos pequenos bolsões de um ou dois estágios acima do modo dominante – bolsões dos quais nascerão futuras revoluções ou transformações progressistas.) Não obstante, a maioria das sociedades tem centro de gravidade e, portanto, modo de discurso que reflete especialmente a altitude dos sistemas de gestão ou governo da respectiva sociedade, e esse sistema de governança efetivamente marginaliza – e precisa marginalizar – modos competitivos de discurso e poder. (Pode fazê-lo de uma forma sadia ou doentia: funcional ou disfuncionalmente. Nós voltaremos a esse ponto.)

“Desde cerca de 1.200 a.C. no Ocidente, o mais elevado modo de consciência média era o âmbar tradicional. Em suas formas sofisticadas, as grandes repúblicas organizadas nessa fase produziram as raízes do que nós hoje chamamos filosofia política republicana ou conservadora – aristocrática, hierárquica, disciplinada, agrário-patriarcal, tradicional, orientada para valores âmbar, com ênfase na defesa militar, identidade nacional e religião etnocêntrica. Mais de 90% dessas sociedades tinham escravidão.

“Mas começando por volta do Renascimento e culminando no Iluminismo, um novo nível de valores começou a surgir – a saber, o sistema de valores laranja, moderno, mundicêntrico – e com ele nasceu um tipo radicalmente novo de filosofia política: o **liberalismo**.

“O liberalismo refletiu muitas coisas ao mesmo tempo: uma mudança da perspectiva etnocêntrica para a mundicêntrica; da monarquia/aristocracia para a democracia; da escravidão para a igualdade; de uma sociedade baseada no mito para uma outra baseada na ciência; de uma identidade de papel para uma identidade de ego; de dever e honra para dignidade e reconhecimento; de valores etnocêntricos para valores universais (especialmente liberdade, igualdade, fraternidade).

“Em suma, envolveu *uma transformação vertical nos níveis de consciência*: uma mudança do âmbar para o laranja, do etnocêntrico para o mundicêntrico, do convencional para o pós-convencional. Foi o nascimento do liberalismo no Iluminismo moderno.”

“Mas, claro, o Iluminismo Ocidental foi muitas outras coisas também, nem todas elas sadias. Lembrem-se do que chamamos de *dialética do progresso* – a mesclada bênção – da modernidade: a boa notícia é que os quadrantes foram finalmente diferenciados conscientemente em larga escala. Os quatro quadrantes – ou simplesmente os Três Grandes do eu, nós e isto; ou arte, moral e ciência – foram finalmente diferenciados e autorizados a buscar suas próprias verdades por meio de seus respectivos modos, o que resultou em liberdade e progresso espetaculares em cada domínio. A ciência, por exemplo, pôde perseguir suas próprias verdades sem a Inquisição Espanhola bufando no seu cangote; a arte pôde buscar temas naturais em vez de religiosos; e a ação moral pôde ser concebida como um direito natural, apartada de um deus mítico dando-lhe sanção, tudo com a liberdade adquirida por essa extraordinária nova diferenciação – o que Max Weber chamou de ‘a diferenciação das esferas de valor’, e que também tem sido chamada de **a dignidade da modernidade**, o que de fato foi.

“O aspecto negativo foi que os Três Grandes (domínios da arte, da moral e da ciência) não apenas se *diferenciaram*, mas logo começaram a se *dissociar*, e isto permitiu que uma ciência agressiva e altamente bem-sucedida colonizasse as outras esferas de valor, reduzindo irrefletidamente a arte e a moral – o Belo e o Bom – a meras ferramentas da racionalidade instrumental. Isto foi chamado de *o desencantamento do mundo*. Esse desencantamento não foi uma definição da modernidade, mas da modernidade doente. Por favor, lembrem-se dessa distinção, porque todo crítico da modernidade a esqueceu – ou, me perdoem, foi muito estúpido para sequer compreendê-la.” Lesa olhou para cima e sorriu.

“Mas quanto a esse desencantamento, o que aconteceu? Bem, falando francamente, as dimensões interiores do ‘eu’ e do ‘nós’ – os quadrantes do Lado Esquerdo – foram reduzidas a fantoches do mundo sensório-motor de exteriores e ‘istos’ do Lado Direito: nascia o **materialismo científico**. Surgia a versão moderna de *flatland*.⁷

“E o liberalismo nasceu com ela. O liberalismo cresceu na mesma atmosfera *flatland*, a atmosfera que reconhece apenas exteriores, apenas matéria, apenas coisas que vocês podem ver ‘lá fora’ – este é precisamente o motivo por que, até hoje, a maioria dos liberais só consegue pensar confortavelmente sobre o que precisa ser corrigido no exterior, como a economia, a fim de tornar a sociedade um lugar melhor. Pensar em corrigir interiores implicaria que alguns interiores são melhores ou piores que outros, e liberais geralmente recuam ante essa implicação – assim, inadvertidamente, paralisam qualquer desenvolvimento interior efetivo e focam quase exclusivamente a engenharia exterior de sistemas sociais.

“Mas há também uma razão muito positiva para a relutância liberal em discutir o desenvolvimento interior; e ela precisa ser cuidadosamente observada: a **separação entre igreja e estado**. A filosofia política prévia (tradicionalismo conservador), decorrente da onda de associação mítica (âmbar), era essencialmente uma filosofia de *fusão igreja-estado*: o Faraó, César, o Czar ou o Rei eram Deus ou o representante de Deus, um sistema político de comando e controle de partido único ligado diretamente a uma religião etnocêntrica e seu Deus único. O liberalismo queria ir além dessa **governança etnocêntrica** para uma **governança mundicêntrica**, baseada não em valores mítico-religiosos ou valores familiares convencionais, mas em liberdades pós-convencionais estendidas ao maior número possível de indivíduos.

“Portanto – e isto é extremamente importante – a definição da postura liberal geral, desde quando surgiu pela primeira vez, é que *o Estado não deve promover oficialmente qualquer versão específica ou favorecida da Boa Vida* – ele não deve promover qualquer religião em particular – o que muitas vezes é resumido como separação entre igreja e estado.

“Em termos simples, isso significa que o Estado não pode forçá-los a seguir qualquer religião. Antes da modernidade, se vocês pertencessem a outra religião do que não a do estado-igreja, sua existência era tênue. Muitas vezes, o *chefe de estado* também era o *chefe da religião* (como foi verdade para muitos faraós, Césares, Khans, etc.) e, assim, discordar dessa função pública os levariam a ser acusados tanto do *crime político* de **traição** quanto do *crime religioso* de **heresia**, uma dupla punição conhecida por sua barbárie.

“Lembrem-se de que, antes da Constituição, o comparecimento semanal à igreja era obrigatório nas 13 colônias americanas! Vocês conseguem imaginar? Não ir à igreja era crime! Quando o liberalismo exigiu que houvesse uma separação entre igreja e estado, tais práticas foram, em princípio, eliminadas. Isto é expresso pelo liberalismo como: *o Direito precede ao Bem* – o que significa: *é seu direito* escolher sua própria religião ou nenhuma religião. É seu direito, não direito do estado, escolher sua versão da Boa Vida. Portanto, seu direito precede ao bem e vocês podem escolher o bem que quiserem; enquanto que, nas culturas tradicionais, *o Bem precede ao Direito*: vocês devem aceitar a espiritualidade do grupo, ou devem abraçar a Deusa, ou a religião do estado é o único bem permitido, e vocês não têm o direito de discordar publicamente sem punição severa, como vimos – ou

⁷ Wilber extraiu este termo do livro de Edwin A. Abbott, *Flatland: A Romance of Many Dimensions*, de 1884, que trata de um mundo de duas dimensões inspirado na geometria. Em uma tradução literal: terraplana (outras traduções encontradas: uniformidade, planura, planície). *Flatland* é um dos conceitos fundamentais do pensamento wilberiano, daí por que optei por não traduzi-lo, pois qualquer tentativa nesse sentido enfraqueceria a ideia. (N.T.)

simplesmente perguntem a Galileu, a Al Hallaj, a Giordano Bruno – para não mencionar talvez 200.000 pagãos e bruxas europeus queimados ou apedrejados por não adotarem o Bem correto.”

Kim, que estava ouvindo Lesa com aquele olhar extasiado, sem piscar, concentrada, sinal de que ela estava realmente absorvendo o que foi dito, finalmente começou a piscar como uma louca e, lentamente, se virou e olhou para mim.

“Muito bem, confirmam a que conclusão chegou a maldita *National Science Foundation*. E lembrem-se, esta é a conclusão que está sendo sussurrada no ouvido do Presidente dos Estados Unidos: ‘o século XXI pode terminar em paz mundial, prosperidade universal e evolução em um nível mais elevado de compaixão e realização’.”

“O governo dos Estados Unidos concluiu isso? Nosso governo? Eles se importam com um nível mais elevado de compaixão?”

“Você sabe, eles são conservadores compassivos.”

“Me poupe!” Eu zombei.

“Olha quem não está sendo integral.” Kim sorriu. “Espera-se que você integre os Democratas e os Republicanos.”

“Sim, as ideias, não os idiotas.”

Lesa continuou: “A separação entre igreja e estado colocou um fim nessa perseguição. É seu direito adorar se, quando, onde, quem, o que e como desejar. O liberalismo, portanto, preconiza o que é conhecido por *república formal* (onde o direito precede ao bem), não uma *república substancial* (onde o bem precede ao direito); e geralmente defende liberdades negativas (a liberdade de) mais coerentemente do que liberdades positivas (a liberdade para). A posição liberal, portanto, defende um tipo de *igualdade* e até mesmo *igualitarismo*. Mas em todos os casos, a ênfase está na igualdade *exterior* e *social*. Hierarquias interiores são vistas com suspeita, como são os interiores em geral. E, de fato, no liberalismo clássico de, digamos, John Locke, os interiores são completamente negados – a suposta *tabula rasa*. Mais sobre isso em breve.”

A voz de Lesa elevou-se e baixou em maciças explosões enfáticas: “Mas há uma grande dificuldade com tal liberalismo: a própria capacidade de proteger e promover a *igualdade universal* é o PRODUTO ou o RESULTADO de vários estágios de crescimento hierárquico *interior* (egocêntrico para etnocêntrico para mundicêntrico – ou magenta para vermelho para âmbar para laranja, razão pela qual democracias representativas não aparecem na história até o nível laranja começar a emergir). A postura liberal que afirma que todas as pessoas são iguais é *em si mesma um valor de elite atingido, na maioria das vezes, apenas por uma minoria da população*. O liberalismo é o produto de vários importantes estágios hierárquicos de crescimento que, então, se desdiz e nega a importância, ou mesmo a existência, de estágios hierárquicos de crescimento.

“O liberalismo nega o próprio caminho que produziu o liberalismo. E eu sugiro que uma das principais razões disso é que não só o liberalismo nasceu na atmosfera superior da consciência mundicêntrica, superando a consciência etnocêntrica – uma vantagem significativa – como também nasceu no clima do desencantamento do mundo – o clima *flatland* do materialismo científico, do reducionismo econômico, que sustentava que todas as realidades verdadeiramente importantes são ocasiões exteriores/sensório-motoras – uma desvantagem significativa.

“Até mesmo os sistemas psicológicos que cresceram com o liberalismo – empirismo, behaviorismo, positivismo – sustentavam que o mundo interior não passa de uma série de imagens ou representações do mundo exterior, que é o único mundo verdadeiramente real (novamente: a ciência liberal sustenta que existem apenas fatos, não há interpretações; isto é, exteriores sem interiores reais). Interiores *tabula rasa* era a crença generalizada, e ela incorporava o preconceito de que todas as realidades verdadeiras são exteriores e, portanto, toda mudança social real deve ser exterior.

“Desde o começo, o liberalismo *não compreendeu a gênese de sua própria postura*. Não compreendeu o fato de que os valores liberais surgem apenas através de uma série de estágios de crescimento interior, hierárquicos e aninhados – e valores liberais são valores que surgem tardiamente (bege a magenta a vermelho a âmbar a laranja, quando então os valores liberais começam a emergir...). Portanto, o liberalismo – já que foi, *de fato*, uma onda pós-convencional, mundicêntrica, universal de equidade, justiça e tolerância – estendeu imediatamente a todos os outros estágios o status de valor igual, ainda que os estágios inferiores, como o vermelho e o âmbar, não demonstrassem nenhuma intenção de retribuir o favor – e, de fato, eles, estando no poder, esmagariam o liberalismo o mais depressa possível. E toda vez que esses estágios inferiores chegam ao poder hoje em dia, a primeira coisa que eles atacam e tentam erradicar são os direitos liberais.

“*Nós sustentamos que essas verdades são autoevidentes: que todos os homens são criados iguais...*” Bem, todos os homens podem ser criados iguais, mas logo alcançam diferentes níveis de desenvolvimento, dos quais *apenas os mais elevados produzem o liberalismo*. Desse modo, o liberalismo começa a negar vigorosamente as hierarquias interiores e dissolve efetivamente o caminho de sua própria gênese.

“Assim, o liberalismo dedica-se com afincado a destruir o caminho que o produziu. No lugar do desenvolvimento interior, o desenvolvimento meramente exterior é recomendado pelo liberal *flatland*. O progresso material e a reorganização econômica tornaram-se os principais objetivos da governança – redistribuir a riqueza material, prestar cuidados de saúde *física* para todos, prover segurança *física* para todos, prover alimento *físico* para todos, proporcionar bem-estar *físico* para todos. Tudo isso é maravilhoso, mas deixa *todos os valores, todos os interiores, todos os significados, toda a espiritualidade e toda a profundidade para os conservadores*, que, em geral, representam uma onda inferior de desenvolvimento (âmbar tradicional em vez de laranja moderna), mas que, pelo menos, não se esqueceram dos interiores!

“*Conversa interior* – conversa sobre valores, conversa espiritual, conversa sobre caráter, conversa sobre significados – foi deixada, em grande parte, nas mãos dos conservadores. Os liberais olham para os típicos valores conservadores do âmbar-tradicional – que são etnocêntricos, nacionalistas e jingoístas, mas que são adaptativos e *inevitáveis* nesse estágio, embora possam facilmente resvalar para homofobia e ataque a gays, sexismo e misoginia, militarismo e imperialismo – e dizem: “Se é isso que significa ‘incutir valores’, então *estou completamente fora do jogo de valores!*” – não conseguindo perceber que sua própria equidade mundicêntrica é simplesmente o próximo estágio da hierarquia nidiforme (ou holarquia) de valores em desenvolvimento. O liberalismo, assim, tenta escapar dos valores etnocêntricos, não defendendo de forma transparente seus próprios valores mundicêntricos mais elevados (em si um Bem), mas 'reivindicando' ser neutro em valores e igualitário, enquanto, na verdade, está defendendo o próximo estágio de estrutura de valores, a próxima onda de interiores, a ponta de lança e o genuíno limiar progressista do desenvolvimento. E ele se diz ‘livre de valores’ e ‘igualitário’, quando não é nada disso, nada mesmo. Ele provém de um nível muito elevado de valores e afirma que não tem valores – e esse mal-entendido sobre sua própria posição continuaria, e seria amplificado, pelo pós-modernismo verde que, tentando superar essa contradição, saltou da frigideira para o fogo. Nascia o mundo moderno e pós-moderno do *tanto faz*.

“O problema é que o liberalismo – que defende a igualdade – não encara o fato de que é um elitismo. É uma estrutura de valor mantida por uma minoria na maior parte das culturas, incluindo a nossa – mas é um elitismo, um elitismo ímpar, que deseja tratar TODOS de forma justa e igual, mesmo que discordem dele. Mesmo que outros não concordem com você e seus valores, você, como liberal, conceder-lhes-á status igual perante a lei. *Mas o número de pessoas que consegue fazer isso* – o número de pessoas no laranja mundicêntrico ou superior – é inferior a 50% neste país e inferior a 30% no mundo em geral. E, de qualquer modo, o ponto é que o laranja em si é uma conquista de desenvolvimento alcançada apenas em estágios mais elevados, e se você não atingir esses estágios mais elevados, simplesmente não produz liberalismo.

“Desse modo, se o liberalismo declarasse sua própria posição com mais precisão, diria que é uma postura desenvolvimentista de elite, normalmente alcançada por uma relativa minoria de pessoas, mas cujos valores insistem em tratar não apenas aquela elite, mas todos, igualmente – um ineditismo de justiça e generosidade. É um *igualitarismo sustentado por uma elite*. Mas o liberal típico, não compreendendo ambas as cláusulas, muitas vezes chega a uma desastrosa conclusão de que é um igualitarismo mantido por todos, ou facilmente poderia ser. Por enquanto, neste momento na história, muito poucas pessoas compartilham esse valor e, a propósito, estão perdendo terreno – mais sobre isso em breve.

“Assim, se permitem sair do meu estilo professoral para um mais coloquial, eu acho que resumiria tudo isso dizendo que o liberalismo é um elitismo que está aberto a todos, mas atingi-lo de fato, e compartilhar valores liberais mundicêntricos, requer desenvolvimento hierárquico interior do egocêntrico para o etnocêntrico para o mundicêntrico. Na falta desse desenvolvimento interior, o liberalismo e seus valores mundicêntricos são letra morta.

“É um problema tão intrinsecamente irritante; mas é real. Se falharmos em compreender essa simples realidade desenvolvimentista, o liberalismo rapidamente sucumbe no atoleiro *flatland*. A separação entre igreja e estado – absolutamente necessária, com certeza – degenera em uma versão radical e rançosa que equivale à opressão de todos os interiores via um pecado não de comissão, mas de omissão, uma opressão pelo silêncio e conseqüente inépcia. Em vez de liderar uma *nova onda* de conversa interior – conversa sobre valores mais elevados, conversa espiritual mais elevada, conversa sobre significados mais elevados – fala-se apenas sobre um igualitarismo morno, sobre uma suposta pluralidade de valores iguais, sobre um multiculturalismo insosso, em um contínuo blá-blá-blá sobre o mundo do *tanto faz*... Em que se concede a qualquer interior, não importando quão vulgar, narcisista e autosservidor, não apenas respeito igual, mas valor igual, ponto final – e o pesadelo regressivo está prestes a começar.

“E aqui estamos nós, com a geração do *tanto faz*, de *pluralite* e de *boomerite*. O vácuo de valores que caracteriza a nossa cultura. E já que a natureza abomina o vácuo, entram em cena os idiotas. Toda uma cultura construída sobre não ter cultura! Algo está profundamente errado. Não admira que os conservadores – em última análise, uma importante força antievolucionária se deixada livre com seus expedientes próprios – possam fazer a festa sob o pretexto de ‘os liberais corrompem todos os valores’. Em parte, é verdade; e é isto que o liberalismo e a Esquerda acabam nos legando, se largados *à própria sorte*.

“Uma cultura de cultura nenhuma. Por fim, levando a *boomerite* e ao *tanto faz* – a *boomerite*, se você tiver um ego bem grande para resistir a esse terrível vácuo; ao *tanto faz* e à ironia, se você não tiver. Minha nossa, isto é deprimente! Mas eu não vou me deixar afetar! Observe o Pensador, contemple, relaxe na minha genuína natureza, a Grande Perfeição da Bondade primordial. Sim!

“E, assim, o liberalismo clássico, e praticamente qualquer variedade da Esquerda, montado em uma psicologia *flatland*, *trabalha com muito afinho para minar sua própria existência*.

“Mas permitam-me concluir esta seção lembrando nosso ponto de partida original, a saber: uma das escalas que examinamos na Política Integral é o **nível de consciência** que direciona qualquer movimento político. E o que vimos é que os valores republicanos tradicionais, na sua maioria, derivam do âmbar e os valores democráticos liberais derivam, principalmente, do laranja. Esses são, simplesmente, dois exemplos de quão importante é o componente ‘níveis’. Resumirei todos esses componentes em breve – os três eixos em cada nível – mas esses exemplos destacam particularmente o aspecto *níveis* da Política Integral.”

Enquanto eu contemplava a Grande Perfeição dos idiotas liberais, bem como a dos idiotas conservadores, um repórter fez uma pergunta a Lesa.

“O que você me diz sobre o fato, frequentemente comentado, de que os liberais e os conservadores parecem ter trocado de posição a partir do Iluminismo?”

“É verdade; e isso nos leva ao segundo dos três eixos principais que examinamos, o **eixo de transformação/translação**. Aqueles familiarizados com a teoria holônica reconhecerão imediatamente este eixo. Ele representa, simplesmente, a direção que vocês encaram na evolução ou desenvolvimento: Eros ou Ágape. Vocês consideram o lado progressista ou o lado conservador do desenvolvimento em si? Ora, obviamente, os liberais são, em geral, progressistas e os conservadores são exatamente isto: conservadores. E ambos são importantes, não são? Como é bem sabido, Edmund Burke, observando os horrores da Revolução Francesa que resultaram n’ *O Terror*, apresentou, talvez, a melhor defesa do conservadorismo: *a sociedade é um sistema incalculavelmente complexo* que, portanto, extrapola a capacidade de qualquer ser humano ou grupo de seres humanos de compreendê-lo e tentar racionalmente projetá-lo, e, por isso, devemos confiar, em certo sentido, na seleção cultural ou nas instituições que, comprovadamente, demonstraram funcionar no passado. Em outras palavras, devemos conservar as instituições que funcionam. Daí o **conservadorismo**.

“(Aqui nos deparamos com um problema de terminologia, em que ‘conservador’ pode se referir a este segundo eixo e também ao movimento político geral do Conservadorismo, que pode ou não ser conservador neste eixo ou escala. Então, a partir de agora, vou colocar em letras maiúsculas os termos Conservador, Liberal e Progressista se se referirem a movimentos ou partidos políticos específicos e usar letras minúsculas para essas mesmas palavras se elas se referirem aos nossos eixos. Acho que isso ficará claro à medida que prosseguirmos.)

“Assim, continuando, alguém que é conservador nesse segundo eixo tende a defender somente as práticas que, historicamente, funcionaram. Ele não é progressista ou revolucionário – olhando para o futuro e buscando algum tipo de mudança e salvação; ele é tradicional, até mesmo reacionário, olhando para o passado em busca de âncoras estáveis e comprovadas, e reagindo – ‘reacionário’ – a qualquer coisa nova e, possivelmente, susceptível de causar desintegração social. De acordo com essa visão conservadora, *tentar projetar racionalmente a sociedade é uma receita para o desastre*. Compaixão artificial acaba criando mais problemas do que resolvendo, diz o conservador. Acalma a consciência do liberal, mas leva o mundo real ao caos: vejam *O Terror*.

“A propósito, a palavra *terrorismo* proveio, de fato, do Reinado de Terror. O governo progressista (ou inclinado à Esquerda) de Robespierre envolveu-se, sistematicamente, no assassinato de cidadãos a fim de ‘promover a causa da compaixão’. Essa atividade ficou conhecida como terrorismo. O Reinado de

Terror é a principal ação do primeiro governo progressista ou liberal da história europeia. Não foi um bom começo, não é mesmo?

“Por mais importante que seja o conservadorismo, há, claro, momentos na história onde é necessário abraçar o amanhã e Eros – ou o nosso impulso de nos mover para cima e olhar para a frente rumo a todos mais elevados – e não apenas abraçar o ontem e Ágape – ou o nosso impulso de nos mover para baixo e olhar para trás. Em outras palavras, momentos em que devemos ser progressistas e não exatamente conservadores. O movimento dos direitos civis nos Estados Unidos da América é um exemplo constantemente citado. E ‘liberal’ tem sido frequentemente associado ao lado progressista (ou Eros) da política. Enquanto Ágape desce e tenta proteger o que já surgiu, Eros sobe e tenta criar novas formas, espaços mais amplos, totalidades emergentes, abraços mais elevados: egocêntrico a etnocêntrico a mundicêntrico a kosmocêntrico.

“E para fazer uma omelete, alguns ovos precisam ser quebrados. Os **progressistas** são sempre os **revolucionários**. Claro que nem todo mundo que se proclama ‘revolucionário’ é necessariamente um verdadeiro progressista: muitos ‘revolucionários’ são apenas níveis inferiores desfilando como níveis mais elevados recém-emersos: exatamente o que aconteceu com *O Terror*, como toda jornada de poder egocêntrica confundida com compaixão mundicêntrica – sem nenhuma distinção entre pré-convencional e pós-convencional – até hoje. ‘Cortem-lhes as cabeças!’, infelizmente, tem sido o cartão de visita de grande parte dos revolucionários que fingem ser progressistas, mas que, na verdade, encarnam o pior tipo de regressão imaginável. Já conseguimos vislumbrar a falácia pré/pós que marcaria tanto os anseios ‘liberais’ e ‘progressistas’ nos humanos – uma confusão que ainda hoje nos acompanha, infelizmente, em muito do que é chamado ‘liberal’.

“Mas o ponto importante por agora é que, na verdade, qualquer partido político pode situar-se neste eixo de transformação/translação, progressista/conservador ou Eros/Ágape – junto com os eixos internalista/externalista e individualista/coletivista em cada um dos principais níveis. O partido político deseja transformar-se progressivamente ou transladar conservadoramente?”

Repórter: “E esses lados mudaram? Ou seja, o progressista liberal tradicional e o conservador tradicional trocaram de lugar?”

“De certo modo, sim. Mais especificamente, eis o que acontece. A postura progressista/conservadora acaba mudando seus valores reais simplesmente porque a própria evolução continua a se desdobrar – o que é novo hoje, é velho amanhã – e, assim, o que é progressista hoje, é conservador amanhã. Desse modo, esse eixo em si é uma variável independente – Eros/Ágape, ou transformação/translação, ou progressista/conservador, ou (r)evolucionário/estacionário. Quando o chamamos de ‘progressista/conservador’, esses termos significam apenas esse eixo, que é uma variável da matriz AQAL e, como eu disse, não se referem aos partidos políticos que usam esses nomes, que podem estar em qualquer lugar. Mas ele é, de fato, um eixo independente, como quando falamos da ala progressista do Partido Republicano ou da ala conservadora do Partido Democrata. Portanto, Esquerda e Direita não são o mesmo que progressista e conservador, uma vez que você pode ter Esquerda progressista e Esquerda conservadora, bem como Direita progressista e Direita conservadora.

“Mas eis como a escala progressista/conservador se desdobrou historicamente até hoje (quando acreditamos que uma Política Integral começa a contribuir para mudar as coisas, integrando-as ou equilibrando-as) – e é realmente fascinante.

“Na época anterior ao Iluminismo, o nível do *establishment* era âmbar. Uma vez que o nível do *establishment* era âmbar, então, ser conservador significava, claro, *conservar o âmbar*, conservar os

valores tradicionais âmbar. Esse era o lado *Ágape* da rua. Mas a evolução estava prestes a gerar um novo e mais elevado nível de consciência: o *laranja*. E assim o lado Eros ou progressista da rua logo daria à luz uma nova orientação política, uma que, conscientemente, se colocava do lado do progresso: a saber, o movimento progressista.

“E a nova e crescente orientação política do Liberalismo (ou da Esquerda em geral), de fato, viu-se como e, no final das contas denominou-se, progressista (embora esse fosse apenas um fator – um eixo – em sua orientação completa).

“Assim, o nascimento do novo e mais elevado nível de consciência (*laranja*) e o surgimento do Iluminismo foram o berço de uma nova orientação política – o Liberalismo – que foi, originalmente, tanto *externalista* (como todos os partidos de Esquerda são) quanto *progressista* (pelas razões que acabamos de discutir). No novo e moderno nível *laranja*, esta orientação política acreditava na moralidade pós-convencional mundicêntrica (‘todos os homens são criados iguais’); na causa externa do sofrimento humano (e.g., John Stuart Mill); era fortemente individualista (na escala individual/coletivo); e decididamente progressista, até mesmo revolucionária, na escala progressista/conservador ou Eros/*Ágape*, como testemunharam a França e a América. Portanto, aqui estão os **três eixos** e o **nível** do Liberalismo original ou dos partidos de Esquerda originais.

“Desse modo, podemos ver que ser conservador à época era ser âmbar e ser progressista era ser *laranja*. *Mas a evolução continua, não é mesmo?* Na década de 1960, **um novo nível de consciência começou a emergir na cultura em geral**, e iniciou-se a *Revolução dos anos 60*. Se vocês fossem jovens e *progressistas*, vocês não eram mais *laranja*, *eram verdes*. O *laranja* tornou-se o novo *status quo*, o novo *establishment*, e ‘*Abaixo o establishment!*’ passou a significar, então, abaixo o âmbar e o *laranja*. Uma nova onda de revolucionários varreu as ruas de Paris, França, em maio de 1968; e eles carregavam a bandeira do verde, não a bandeira do *laranja*. O *laranja* não era mais o novo herói, mas o novo inimigo. Ser moderno não era mais ser progressista, mas ser reacionário. O novo herói era *pós-moderno*.

“E, como quase sempre acontece, aquele novo movimento progressista-revolucionário seria pego em um novo Reinado de Terror, impulsionado por uma nova confusão pré/pós – chamada *boomerite*. Este Terror não esmagaria corpos, mas mentes; não tiraria a sua vida, mas acabaria com a sua carreira. (Afim, nós evoluímos, não é?) Assim, novamente, descobrimos que, sob uma bandeira superior pós-convencional (desta vez, verde), havia uma onda de poder vermelha, narcisista, egocêntrica, pré-convencional. Um novo Reinado de Terror baixaria sobre a sociedade, desta vez nas universidades, onde ‘Corte-lhe a cabeça’ era o grito de guerra da *The Shadow University* – o caso de Larry Summers aqui em Harvard é um exemplo muito suave – e onde até mesmo Foucault chamaria Derrida de *terrorista*.

“Claro, os aspectos positivos do verde sadio também devem ser lembrados, como é o caso do movimento dos direitos civis. **Mas onde quer que você encontre a vanguarda progressista ou revolucionária da política, fique atento para um novo Reinado de Terror** (da Rússia de 1917 até o Sendero Luminoso de hoje).

“Neste momento, estamos no ponto do relato histórico em que ‘progressista’, que significava ‘progresso em direção ao *laranja* afastando-se do âmbar’, agora significa ‘progresso em direção ao verde afastando-se do *laranja*’. Desse modo, o que encontramos no Partido Democrata (ou esquerdista) hoje? Duas principais alas: a democrata conservadora, que ainda adere aos valores do ‘antigo’ *laranja* como o individualismo, livre arbítrio, verdade e justiça individual; e a progressista, a ala pós-moderna, a ala verde, que despreza tudo o que os antigos democratas *laranja* representam e, ao invés, apoiam valores verdes em todos os sentidos: valores coletivos, valores que são anti-individualistas,

antinegócios, anticapitalismo, antirracionalidade moderna, baseados em sentimentos, sensibilidade, representação, compartilhamento, multiculturalismo, versões pós-modernas do Marxismo e assim por diante.

“Assim, quando a vanguarda ou ponta de lança progressista começou a empurrar para o verde, a ala progressista do liberalismo afastou-se do laranja em direção ao verde e transformou-se na Esquerda radical ou Esquerda pós-moderna verde – condenando violentamente o Ocidente moderno, reprovando o laranja e todas as suas ações (da ciência aos negócios), rejeitando virulentamente o Iluminismo (por não entendê-lo quase por completo, qualquer coisa laranja foi guilhotinada) e exigindo intervenção do estado ou do governo para corrigir esses males – enquanto os liberais dos velhos tempos permaneceram com os valores laranja do Iluminismo e seu hiperindividualismo antigoverno. Vocês devem ter notado a divisão entre as alas laranja *moderna* e verde *pós-moderna* dos Democratas, não é? E como o verde pós-moderno se denomina antiliberal, significando antilaranja?

“Bem, isso criou uma tensão terrível e até mesmo uma divisão no âmbito da Esquerda, com sua base fundamental ainda sustentando valores laranja, modernos, do Iluminismo, geralmente pró-Ocidente, e sua ala mais radical defendendo valores verdes, pós-modernos, coletivistas, furiosa e rigidamente antiocidentais. Ambas ainda são de Esquerda porque ambas são *externalistas* resolutas, que é o principal eixo definidor de qualquer coisa chamada de Esquerda. Mas essas duas alas esquerdistas desprezam-se completamente – é uma divisão grave, profunda e generalizada no âmbito da Esquerda, a qual retornaremos frequentemente, porque acreditamos que ela detém o destino das democracias ocidentais. É por isso que o Partido Democrata na América desmoronou completamente – verde versus laranja – e permanecerá assim no futuro previsível. É aqui também onde o *componente de níveis* desempenha um importante papel na identificação de orientações políticas, porque é a única maneira de ver e entender essas duas alas no âmbito da Esquerda.

“Enquanto isso, da mesma forma que os Democratas têm alas progressistas e conservadoras, os Republicanos ou a Direita também as têm. Os Republicanos conservadores da ‘velha guarda’ estão firmemente entrincheirados em valores âmbar: tradicionais, de associação mítica, fundamentalistas, bíblicos, etnocêntricos, militaristas, nacionalistas, patriarcais, patrióticos. Os ‘novos’ Republicanos (a nova Direita ou *neocons*) não são tradicionais, mas modernos, não âmbar, mas laranja – os chamados Republicanos de Wall Street – em outras palavras, conservadores mundicêntricos com valores laranja – Republicanos de Ayn Rand.⁸

“E assim, hoje, as duas principais alas da Direita são âmbar e laranja: âmbar, fundamentalista, tradicional, religioso (‘a Direita religiosa’), etnocêntrico, militarista, patriarcal (contra o aborto e direitos gay, em favor da oração nas escolas e segurança nacional, os quais são seus pontos polêmicos); e laranja, moderno, direcionado para a economia, mundicêntrico, *neocoon*, Republicanos de Wall Street, para quem é primordial não o aborto, mas os impostos, não o etnocêntrico, mas o meritocêntrico, não o *homo religiosus*, mas o *homo economicus*.

“Portanto, os valores liberais que alguns séculos atrás eram os mais avançados (e literalmente *revolucionários*) tornaram-se agora os valores de muitos *conservadores* que, na verdade, começaram a abraçar e defender valores iluministas de individualismo e práticas de livre mercado – exatamente os valores que eles combateram tão desesperadamente há três séculos! Claro, o outro subgrupo influente dos Conservadores ficou mais próximo dos valores conservadores ‘antiquados’ âmbar, e é por isso que ‘a Direita política’ hoje é uma estranha mistura de âmbar e laranja, do mesmo modo que

⁸ Ayn Rand (1905-1982), escritora e filósofa norte-americana de origem judaico-russa, preconiza o individualismo, o egoísmo racional e o capitalismo. Um de seus mais famosos livros é *A Revolta de Atlas*. (N.T.)

‘a Esquerda política’ é, atualmente, uma estranha mistura de laranja e verde. (O que as mantém juntas? Isto é certo: os Democratas são todos externalistas e os Republicanos são todos internalistas.)

“Mas nenhum deles conseguiu abranger toda a Espiral. E esse é, exatamente, o problema. Tanto as posições republicanas quanto as democratas são parciais, fragmentadas, alienadas e alienantes – até agora, ambos são partidos e movimentos políticos total e absolutamente de primeira camada.”

Afinal, o que é Política Integral?

“Política Integral é simplesmente a política baseada na consciência de segunda camada, ou, mais especificamente, na consciência AQAL. A Política Integral leva em conta, inclui e integra todas as dimensões importantes em um ser humano – todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados e todos os tipos. Afinal de contas, essas realidades estão aí, essas dimensões são reais, elas existem, elas são parte da arquitetura deste exato momento, *elas impactam cada ser humano em cada segundo de sua existência* – e, assim, levamos essas dimensões em consideração para chegar a uma Política Integral; ou não, mantendo-se uma confusão fragmentada, rompida, parcial e torturada de caos político – em outras palavras, como o mundo se encontra agora.”

Lesá fez uma pausa, sorriu com tristeza e continuou. “Eis, em poucas palavras, a Política Integral ou AQAL. Já demos exemplos dos **quadrantes** do Lado Esquerdo e do Lado Direito, e por que eles são importantes: fazemos isto para integrar politicamente os *internalistas* e os *externalistas* – ou levar em conta os eixos interno e externo (apresentaremos os quadrantes superiores e inferiores daqui a pouco).

“E vimos exemplos de **níveis** e por que é importante levá-los em consideração: de que *nível* (ou *níveis*) *de consciência* provém um movimento político e a quem visa atingir em primeiro lugar? Ele brota do vermelho ou do âmbar, laranja, verde, turquesa, índigo, violeta ou ultravioleta? Todos os principais eixos políticos (**interno/externo, conservador/progressista, individual/coletivo** [que será explicado em breve]) têm seu conteúdo genuíno, seus valores específicos e seus impulsos fundamentais determinados pela **altitude** real do movimento. Sem mencionar que a altitude é a chave para os componentes extremamente importantes chamados **estágios** e **estações**.

“E, quanto a um importante **tipo**, deseja-se *transladar e conservar* esse nível ou *transformar-se e progredir* além do nível? Este é o eixo **translativo/transformativo**, também conhecido como eixo conservador/progressista; mas existem diversos outros tipos que podem ser muito importantes (e.g., feminista, ecologista).

“Porque, em última análise, o que estamos procurando é uma orientação política que consiga abranger todo o Espectro de níveis e falar com cada um de uma forma que possa ser ouvida. Precisamos de uma política que consiga falar com o magenta, o vermelho, o âmbar, o laranja, o verde, o *teal* [verde-água ou azul-esverdeado], o turquesa e o índigo...

“Somente com uma estrutura **todos os quadrantes, todos os níveis** [forma abreviada que também inclui todas as linhas, todos os estados, todos tipos] isto é possível. Somente com uma estrutura AQAL, uma teoria política – e práxis política ou movimento político – pode entrar em cena incluindo, integrando e equilibrando todos os quadrantes e todos os níveis (sem mencionar linhas, estados e outros tipos – dos quais falaremos daqui a pouco).

“Em outras palavras, Política Integral é Política AQAL, a política do Código AQAL. Resumirei mais alguns dos seus pontos em um minuto. Mas agora, quero me certificar se isto ficou bem claro – pois o que estamos *tentando* fazer nunca foi feito antes na história: *criar um Política Integral* – qual seria sua

essência e o que ela poderia tentar realizar. Agora, secundariamente, o Código AQAL também nos permite indexar e entender praticamente todos os grandes movimentos políticos da história: simplesmente analisamos seus ingredientes: que quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos eles exibem? Em outras palavras, qual é seu **endereço cósmico**? Mark [Jefferson] disse acreditar que isso nos proporciona o primeiro *sistema de indexação abrangente* de pensamento político ainda por surgir, e embora essa seja uma afirmação forte, estou inclinada a concordar, porque ele está falando como um generalista, o que é permitido. Certamente voltarei a esse ponto. Mas antes disso, a imprensa tem alguma pergunta sobre o que vimos até agora? Estou tentando apresentar o tema – hum, perdoem-me, mas, bem... em termos *simples* – e desejo saber como estou me saindo.

“No curso da história humana, houve **oito ou nove importantes escolas de teoria política que se espalharam pelo mundo** – Oriente e Ocidente, pré-moderno, moderno e pós-moderno – Anarquismo, Monarquia, Democracia, Republicanismo, Aristocracia, Conservadorismo, Liberalismo, Socialismo, Comunismo. Todas elas têm uma peça do quebra-cabeça. Nenhuma delas é integral. Todas elas baseiam-se em visões de primeira camada, valores de primeira camada, parcialidades de primeira camada e lutas por sobrevivência de primeira camada. Uma genuína Política Integral origina-se da segunda e até da terceira camada; ela se baseia nos fundamentos dessas escolas parciais, transcende e os inclui para, em seguida, com base em um mapa mais preciso, esboçar o alcance de um verdadeiro esforço político Integral, tanto na *teoria* quanto na *prática*.

“E – entrando em uma questão incrivelmente importante – algo como uma genuína Política Integral teria de ser o fundamento de uma Liga Mundial, se é que haverá uma, não é mesmo? Uma nova Liga Mundial – vocês já pensaram nisso, meus amigos? Uma Liga Mundial não pode se fundamentar em algo como amor ou compaixão, porque há estágios ou ondas de desenvolvimento de amor, do amor egocêntrico ao amor etnocêntrico ao amor mundicêntrico, e se vocês não considerarem coisas assim, obterão um mapa *flatland* que não levará a lugar nenhum, exceto a mais parcialidade, fragmentação e sofrimento. Isto mesmo, só amor causará mais dor; portanto, claramente, tudo que não precisamos é de amor: tudo que precisamos é de Integral. É mais complexo do que sentimentalismo, mesmo que adorássemos cada novo álbum dos *Beatles* quando lançado.” Lesa olha para a imprensa, sorri, caminha tristemente pelo palco, parecendo estar temporariamente perdida em uma minilembrança de coisas passadas.

“Voltaremos à Liga Mundial em instantes. Mas o que vimos até agora, meus amigos? Vimos que, usando o Código AQAL – **‘todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos’**, ou abreviadamente AQAL, podemos reconhecer várias dimensões da existência humana que a política tenta abordar. Essas *dimensões* experienciais intrínsecas surgem como *dilemas* se não soubermos integrá-las, e a política parcial dedica-se a escolher um lado desses dilemas e defendê-lo — interiores versus exteriores, ou um nível versus outro nível, ou progressista versus conservador e assim por diante. Esses são exemplos, expostos por AQAL, do que devemos integrar na arena política, a fim de promover estabilidade e coesão sociais – entre outras coisas, devemos integrar interiores e exteriores ao longo de todo o Espectro, incluindo todos os seus níveis, criando espaço para todos e cada um deles, porque existem seres humanos em todos e em cada um deles, e se não dialogarmos com esses humanos, possivelmente não conseguiremos governá-los sem recorrer à força.

“Para vocês da imprensa que são neófitos na Teoria Integral e no Código AQAL, temos quatro diagramas que podem ajudar. A figura 1 e a figura 2 são representações simples dos 4 quadrantes – o interior e o exterior do singular e do plural (ou o interior e exterior do individual e do coletivo). A Teoria Integral sustenta que toda experiência, momento a momento, consiste, na verdade, pelo menos, nessas 4 dimensões experienciais – os 4 quadrantes fazem parte do próprio tecido de nosso estar-no-mundo, aqui e agora, e vocês podem realmente perceber cada um deles.

“Observem como os 4 quadrantes são simples: eles são o material real do ‘eu’, ‘nós’ e ‘isto’ (ou pronomes de primeira-pessoa, de segunda-pessoa e de terceira-pessoa, que todas as línguas ao redor do mundo possuem, precisamente porque essas dimensões são, universalmente, partes da arquitetura da experiência deste momento.) Exatamente agora vocês estão conscientes de um **espaço-eu** (quem está lendo esta página?), de um **espaço-nós** (observem todas as relações que vocês mantêm) e de um **espaço-isto** (observe o mundo exterior dos objetos ou ‘istos’) – e por que vocês conseguem realmente **sentir** e estar **conscientes** de todos eles? Porque esses mundos ou dimensões estão sempre presentes e onipresentes.”

(Às vezes, colapsamos os dois quadrantes exteriores do “isto” e do “istos” em um, ou no “mundo-isto” exterior em geral. Então nos referimos aos “Três Grandes” ou aos “4 quadrantes”, que são, essencialmente, a mesma coisa.)

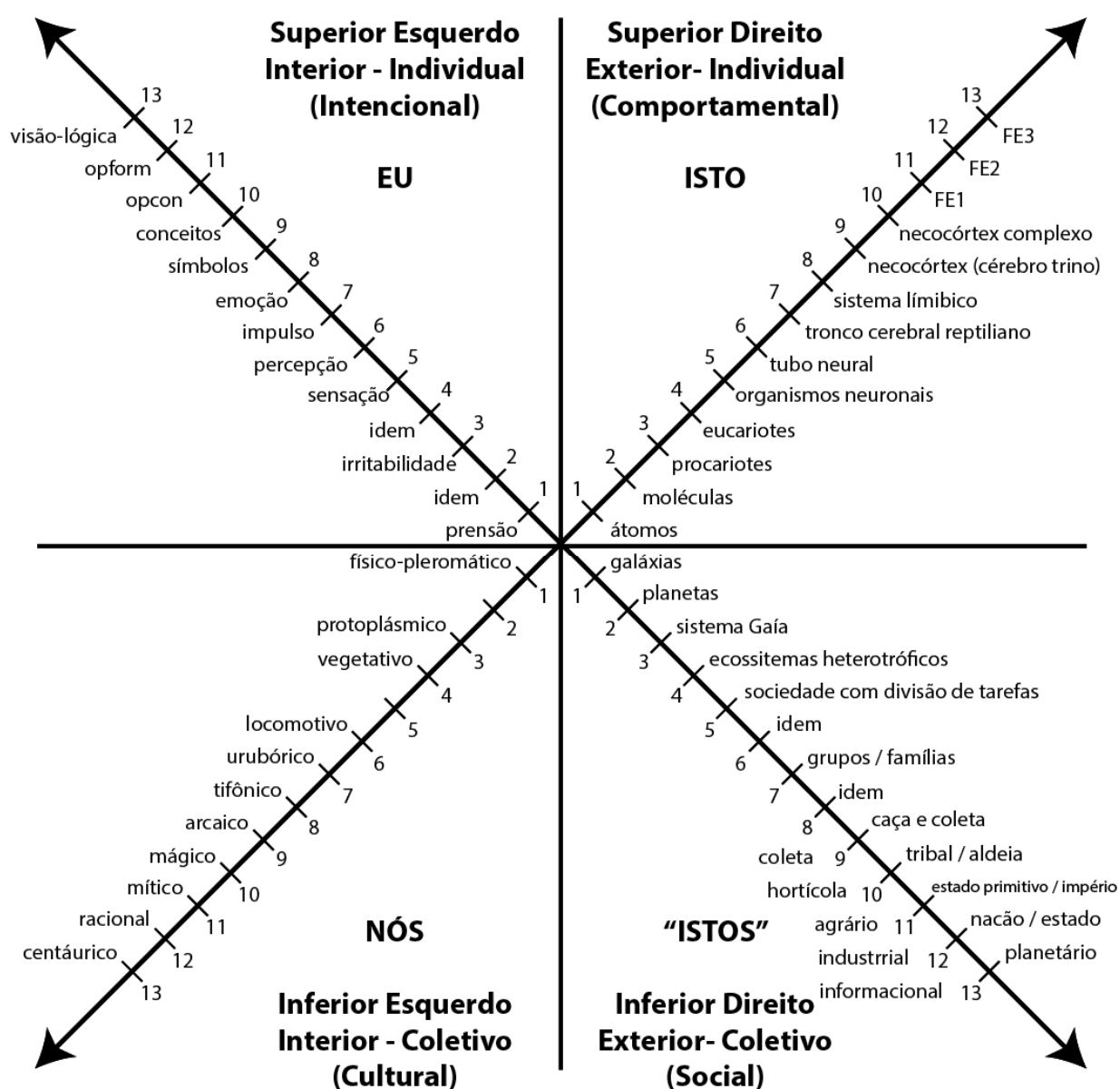


Figura 1. Os 4 Quadrantes (e alguns exemplos de seus elementos).

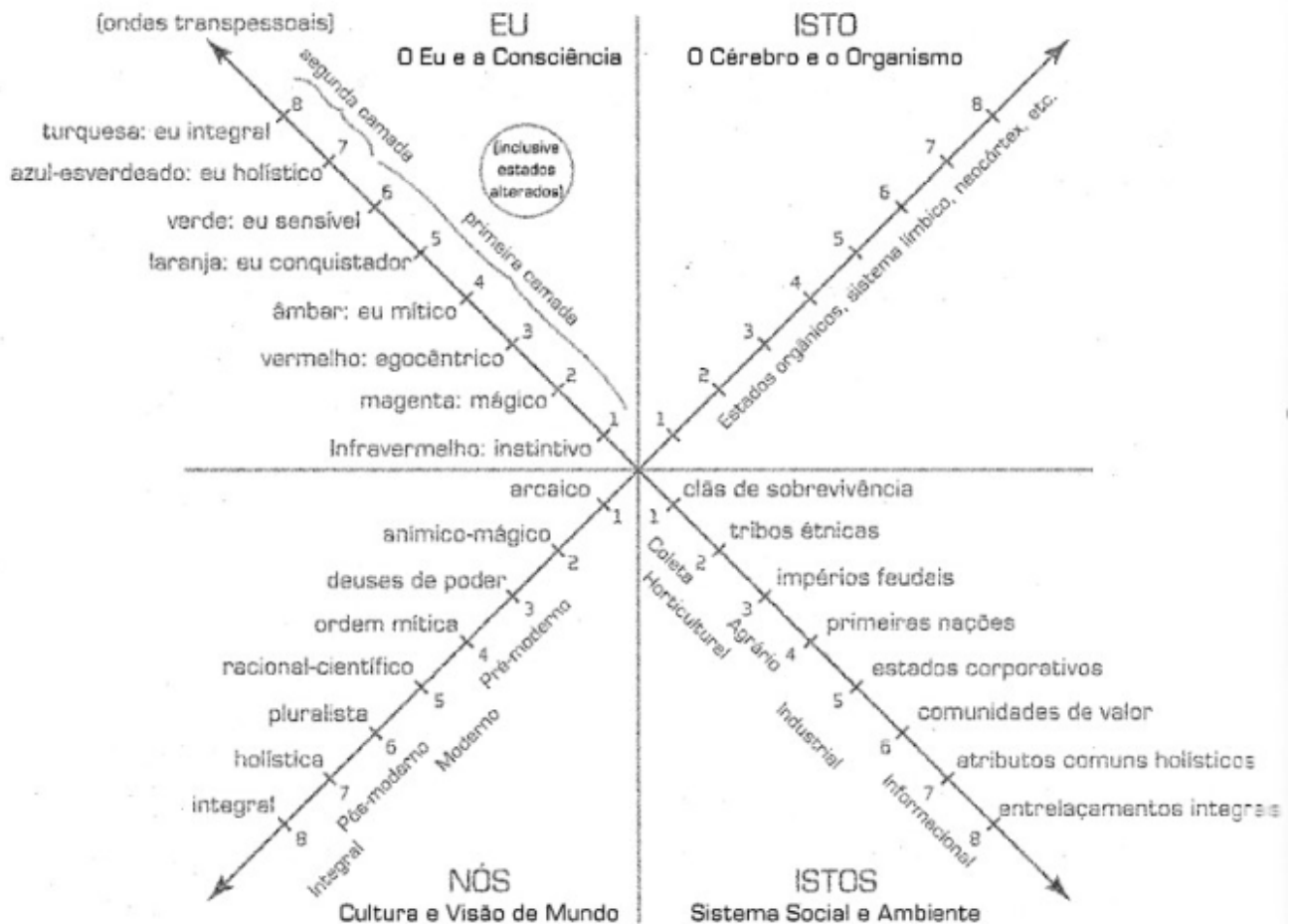


Figura 2. Os 4 Quadrantes nos Seres Humanos. (O Quadrante Superior Esquerdo – QSE – inclui **estruturas** ou níveis de consciência, representadas pelas cores do arco-íris, e **estados** alterados de consciência; a **linha do eu** foi escolhida para representar níveis/linhas, mas existem cerca de uma dúzia de *inteligências múltiplas* no QSE. Ver o texto.)

“Notem quão abrangentes eles são. Também são o mesmo que *arte, moral e ciência* (*arte*, ou a beleza no ‘eu’ do observador; *moral*, ou como você e eu – ou ‘nós’ – tratamos um ao outro; e *ciência*, ou qual é a verdade objetiva sobre o ‘isto/istos’). Nós também podemos agrupar os dois **quadrantes interiores**, que representam o mundo interior de valores, motivações e insights versus os dois **quadrantes exteriores** de objetos, sistemas externos e engenharia social, bem como a química do cérebro individual e impulsos orgânicos, uma vez que todos eles são ‘istos’ – e, dessa forma, o interior versus o exterior aparece como **natureza** (dados interiores e impulsos instintivos) versus **criação** (reforço social exterior e infraestruturas sociais). Ou podemos agrupar os dois quadrantes superiores, e focar o hólion individual, versus os dois quadrantes inferiores, que focam a comunidade, o coletivo, o hólion sociocultural. E assim por diante... (Vocês podem conferir algumas dessas combinações nas figuras 1 e 2.)

“Mas, lembrem-se, o ponto é que, independentemente dos diversos mapas do seu momento presente de ser-no-mundo que podemos desenhar, estamos falando apenas da sua própria experiência, aqui e agora. Como dissemos, **de quanto mais aspectos do momento presente estivermos conscientes**, mais os *dilemas* ocultos da vida se tornam *dimensões* conscientes do próprio ser e, assim, nossa vida se torna mais integral, encontramos um lugar para tudo e, afinal, tudo passa a fazer sentido – uma **liberdade** transcendente e uma **plenitude** inclusiva, diferente de tudo que já experimentamos. E isso

equivale a uma libertação, uma emancipação das dimensões ocultas da nossa vida que estavam nos limitando com tantos grilhões inconscientes em torno da nossa alma, aprisionando-nos com as algemas da própria ignorância. A vida vivida desse jeito gera sofrimento a cada instante, não é mesmo? Mas, então, eu provavelmente não terei de lhes dizer isto...

“E estamos sugerindo que uma Política Integral fará a mesma coisa para uma sociedade, ajudando, em primeiro lugar, a tornar *consciente* essas dimensões sempre presentes que, de outra forma, subsistem como algemas ou câmaras de tortura subconscientes, dilacerando uma cultura; uma vez que elas sejam convertidas de grilhões subconscientes em ferramentas e potenciais conscientes, uma Política Integral ensinará a integração em um todo coerente e radiante. Isto gera tanto uma **liberdade emancipatória** quanto uma **plenitude integral** (Eros e Ágape), tudo de uma vez.

“Espero estar ajudando um pouco aqueles que são novos na teoria. Um outro rápido exemplo: tendo mencionado primeiramente o interior e o exterior, prosseguirei, agora, examinando um outro item importante, uma vez que ele também é central e eu havia prometido voltar a ele – individual versus social, ou individual versus coletivo, ou o **eixo individual/coletivo**. Um dos mais recalcitrantes dilemas políticos na história da humanidade é a questão: em um sistema político, quem tem mais *direitos*, o indivíduo ou o coletivo – direitos humanos ou direitos civis, autonomia privada ou autonomia pública, ‘**eu, o indivíduo**’ ou ‘**nós, o povo**’?”

“Na estrutura AQAL, observem que os *quadrantes superiores* são os individuais, e os *quadrantes inferiores*, os coletivos (aqui estamos expandindo o significado de ‘eu’ para os dois quadrantes superiores e ‘nós’ para os dois quadrantes inferiores, que é outra forma perfeitamente aceitável de agrupar os quadrantes. O ponto é que, independentemente de como se fatia a torta integral, nenhum dos quadrantes some, porque eles são *diferentes dimensões da mesma ocasião*, ou seja, a nossa própria experiência agora de estar-no-mundo). O Código AQAL sugere, portanto, que nem individual nem coletivo são primários; há simplesmente uma ocasião, e essa ocasião tem dimensões individuais e sociais, sendo que ambas são equiprimordiais, nenhuma delas podendo ser reduzida ou elevada à outra. Portanto, qualquer teoria política que queira se ajustar à **arquitetura atual da realidade – ou simplesmente à natureza da experiência presente** – precisa equilibrar harmoniosamente o individual e o coletivo, a autonomia privada e a autonomia pública, o subjetivo e o intersubjetivo, e não ignorar qualquer um deles, ou tentar reduzi-los uns aos outros, ou usar um para dominar os outros.

“Como fazer isto é uma questão independente que abordarei em breve, mas o ponto central é que o Código AQAL revela algo profundamente importante sobre o que a política deve fazer por qualquer sistema social que se proponha a manter estabilidade social, integração cultural, equidade e retidão, bondade e justiça, direitos e responsabilidades, liberdade e compromisso. Muitos movimentos políticos tentam negar – ou pelo menos subvalorizar – um ou mais desses quadrantes primordiais, e o resultado implica em um desastre especial, porque o tecido do momento presente e a própria estrutura da experiência humana são destruídos e profundamente violados nessas tentativas, mesmo quando acreditam realmente estarem tentando aumentar a liberdade, a justiça, o cuidado ou a solidariedade – porque tudo o que entregam são fragmentos, malditos fragmentos, de um destino humano.”

Olho para Margaret; ela está profundamente perdida nas palavras de Lesa. Recortes de pensamento coerente flutuam diante do meu olho interior; eu me inclino para Margaret e sussurro: “Uma Política Integral também faria toda a diferença para você e Lesa, não é?”

Um pouco surpresa, Margaret me encara, parece se esforçar para encontrar uma resposta significativa e, finalmente, sussurra de volta: “sim”.

Lesá é negra – ou afro-caribenha – lésbica, judia (por religião adotada, se você considera a Cabala como ‘judaica’, já que não é *kosher*, sendo marginalizada pela ortodoxia), genial, linda e integral ou altamente evoluída: quantas perspectivas marginalizadas seu eu tem de vivenciar antes que a puxada do tapete a mate? [Puxada do tapete é o que você consegue quando seu centro de gravidade é mais elevado do que o centro de gravidade de qualquer cultura (ou subculturas) em que você habita, uma cultura que, goste ou não, formará o seu Quadrante Inferior Esquerdo, atritando-se contra o resto do seu ser e causando tombos psíquicos literais: puxada do tapete.] Será que a Política Integral não facilitaria a vida de Lesa e Margaret, aliviando sua puxada do tapete, pelo menos nessa área? E a vida de todos os Outros marginalizados do universo?

“Seria diferente para nós, Ken, mas talvez não do jeito que você pensa”, Margaret continuou a sussurrar, aparentemente arrancando outro pensamento do pântano encharcado de oxitocina. “Política Integral não significa que a sociedade nos aceitaria. Muitos dos níveis iniciais de desenvolvimento – vermelho e âmbar em particular – sempre terão dificuldade para aceitar diferenças como a nossa, e tudo bem! Uma Política Integral simplesmente não permite que essas estações da vida governem outras estações. Isso ajuda Lesa e eu a entender por que algumas pessoas simplesmente nunca nos aceitarão – e, mesmo assim, pode-se construir uma coesão social em torno dessa rejeição inevitável usando Política Integral. Essa é a coisa incrível sobre o Integral, encontrar um lugar para tudo e ter tudo funcionando: *abrir espaço para tudo* e, desse modo, *fazer com que tudo faça sentido*. Você tem de permitir que o vermelho seja vermelho, o âmbar seja âmbar, o laranja seja laranja e o verde seja verde – mas governando do turquesa, não é? – porque somente o turquesa permite exatamente essa inclusão radical de todos os outros níveis.” Por fim, sussurrou enfaticamente: “Esse é o segredo do Código AQAL quando se trata de política – *permita que cada estágio seja ele mesmo, mas governe do mais elevado que, neste momento da história, é o turquesa.*”

(A figura 3 apresenta os resultados de vários pesquisadores que mapearam este importante elemento de crescimento vertical da matriz AQAL – os níveis ou estágios de estrutura ou ondas de desenvolvimento. O **arco-íris** no eixo vertical representa simplesmente a escala de **altitudes** de quaisquer das ondas de consciência ou evolução ou desenvolvimento ou crescimento, etc. Um dos pontos da Teoria Política Integral é que essas ondas ou níveis de altitude ou **estágios** devem tornar-se **estações** estáveis e respeitadas na vida, uma vez que praticamente todas elas são povoadas por adultos que pararam de crescer nesses níveis, e isto é direito deles. Portanto, *integrar* essas diferentes altitudes torna-se uma **diretriz fundamental** da Política Integral em geral. Além disso, todo mundo começa na estaca zero, ou estágio 1, e deve crescer a partir daí. Assim, a afirmação da Nova Era que “teremos todo mundo no turquesa” é exatamente o que uma Política Integral não diz; é massivamente mais complicado que isso. A Política Integral é Política AQAL, e esse é o extraordinário desafio.)

“O quê? Que negócio é esse?” Parecia incrivelmente importante, mas eu tinha de emergir do pântano de amor para ouvi-lo.

Em seu ofegante sussurro tipo Marilyn Monroe, Margaret continuou: “Que cada *estágio de desenvolvimento* seja uma respeitada *estação na vida*, mas governe apenas a partir da *mais elevada*. Lesa finalmente ensinou a forma de usar o Código AQAL na política; ela quebrou o segredo da Política Integral.” A voz de Margaret baixou para um murmúrio, até silenciar por completo, deixando apenas a voz de sua amante no ar.

“Assim”, prosseguiu Lesa, e eu tive a estranha sensação de que ela estava olhando para mim, “quando se trata de individual e social – ou autonomia privada e autonomia pública – o Código AQAL sugere que qualquer teoria política que almeje funcionar de fato no mundo real deve integrar os direitos do ‘eu, o indivíduo’ e do ‘nós, o povo’. Ou do **hólón individual** com seu grau e tipo de soberania, mais

o do **hólón social** com o seu. Permitir que um deles domine resulta em uma fratura da Matriz AQAL e, conseqüentemente, em enorme sofrimento humano.

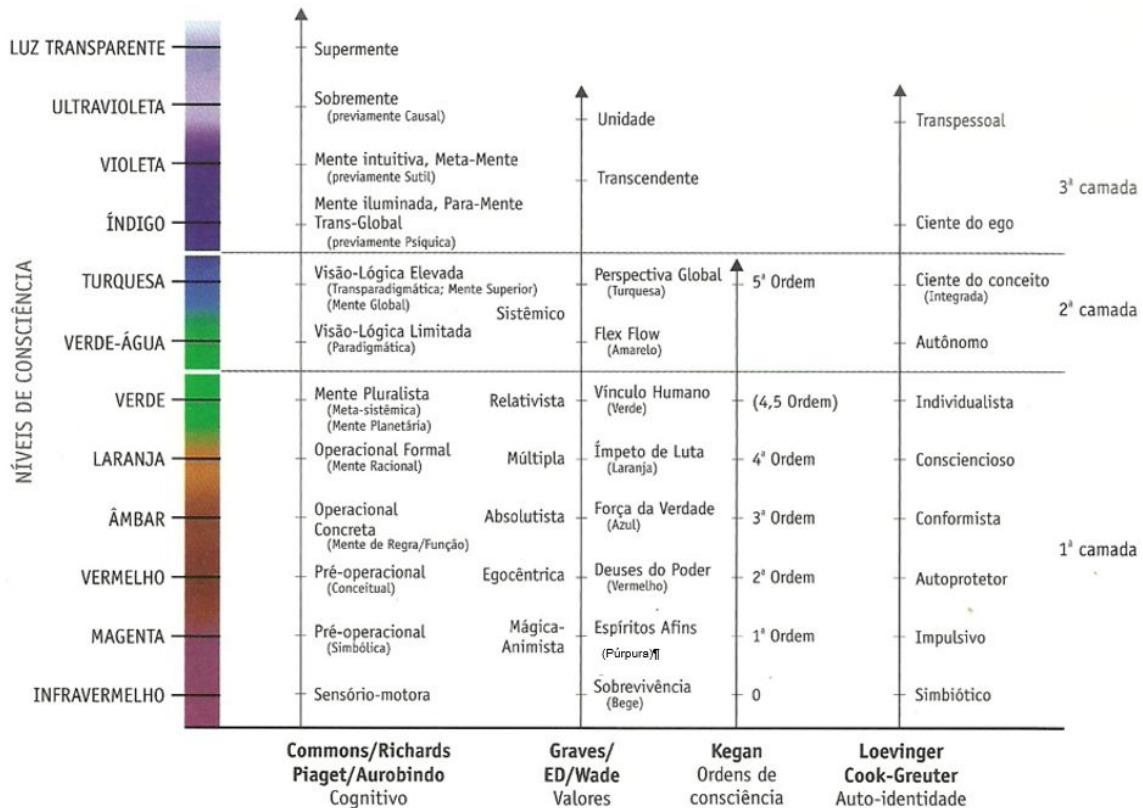


Figura 3. *Níveis e Linhas (ou Ondas e Correntes) de algumas importantes inteligências múltiplas.*

“Isto está claro, não está?”, perguntou Lesa. “Por favor, acompanhem e simplesmente observem que, por um lado, permitir que a *autonomia privada* prevaleça, ocasiona não apenas caos político e um desordem social de fragmentação narcisista (algo que estamos vendo agora, não é mesmo?), como também uma ruptura na conexão interna entre o mundo da vida individual e o espaço de significado público e cultural – o que equivale a dizer, o próprio mecanismo de governança é danificado e desativado quando ‘eu, o indivíduo’ domina. Por outro lado, permitir que a *autonomia pública* prepondere, resulta na mentalidade de rebanho, linchamento como lei, caça às bruxas e quejandos, porque, muito frequentemente, ‘nós, o povo’ tem votado pela escravidão, sexismo, racismo, etc. Lembrem-se, Hitler foi eleito democraticamente por ‘nós, o povo’.

“Então, como integrar os quadrantes superiores e inferiores – os quadrantes superiores representando direitos e liberdades individuais e os quadrantes inferiores, direitos sociais e responsabilidades cívicas? Lembrem-se de que os quadrantes, como todos os elementos AQAL, representam **dimensões de estar-no-mundo de um indivíduo**; e na arena política, ao mesmo tempo que os indivíduos devem perceber que suas próprias dimensões sociais não estão sendo alienadas e arrancadas deles, também devem sentir que estão *participando* do processo político coletivo que gera as leis que os *governam* – leis que podem restringir suas próprias liberdades. Em outras palavras, se para que um indivíduo viva com outros em comunidade, as liberdades desse indivíduo precisam ser cerceadas em algum grau, então como podemos chegar a uma política integrada já que as liberdades de seus membros estão sendo reduzidas? A resposta sugerida é que se o indivíduo faz parte do processo político que define essas leis – se os indivíduos têm voz nas leis que os governam (ou seja, se houver algum tipo de processo

representativo-democrático em jogo) – então esses indivíduos estarão mais propensos a aceitar essas leis e, portanto, integrar-se ao sistema social. Os quadrantes superiores e inferiores de um indivíduo são, portanto, levados em conta em uma conexão e integração *internas*, mesmo que seus comportamentos sejam subseqüentemente limitados em algum grau.

“Essa é a primeira parte do individual e social. Agora, a segunda parte. Quando se trata desse eixo específico – o individual/social ou individual/coletivo – vários filósofos políticos chegaram a uma conclusão semelhante, ou seja, **a conexão entre autonomia pública e privada via democracia participativa**. E eu concordo completamente. (Isto é, uma genuína Política Integral ou AQAL concorda com essa conexão interna particular que, para vocês, alunos avançados, também pode ser enunciada como: a subjetividade do indivíduo – Quadrante Superior Esquerdo – aceitará leis que restrinjam as liberdades comportamentais de sua objetividade – Quadrante Superior Direito – se e somente se sua própria intersubjetividade – Quadrante Inferior Esquerdo – for parte do processo interobjetivo – Quadrante Inferior Direito – que limita sua objetividade. Novamente, de forma simplificada, se e somente se o indivíduo fizer parte do processo político que pode limitar seu próprio comportamento. A democracia *representativa* dialógica, embora não satisfaça totalmente esta questão, parece ser a melhor opção até agora.)

“Mas, adivinhem! *Isto é verdadeiro apenas para o laranja ou superior*, algo não captado por outros teorizadores, que, na maior parte, desconhecem esta dimensão vertical de AQAL. Nem o vermelho nem o âmbar, por exemplo, têm seus quadrantes iluminados pela democracia participativa, mas sim por meio de hierarquias de poder (ou dominação) para o vermelho e de hierarquias tradicionais (aristocráticas, com castas) para o âmbar. Esses níveis não se sentem bem de outra forma; eles se sentem completamente perdidos na democracia real (é por isso que, toda vez que se introduz a democracia nessas sociedades, eles, democraticamente, votam em tiranos ou fanáticos; temos visto isso diversas vezes, não é?). Ora, isso não nos impede de recomendar, no mundo de hoje, a democracia representativa participativa como sendo parte de uma Política Integral. Mas ela é apenas uma parte, como veremos. Afinal, alguma outra coisa tem de estar em jogo se quisermos evitar os Hitlers porque: democracia + pré-laranja = Hitlers. Entre outras coisas, *estágios de desenvolvimento e estações da vida* devem ser considerados na equação. Para os interessados, vamos chegar a isso mais tarde com o **Parlamento Trialético**, que é um aspecto ímpar da forma da Política Integral para o futuro próximo.

“Eu vou distribuir um folheto resumindo as dimensões do hólón humano que mais precisam ser consideradas – e incluídas – em qualquer genuína Política Integral. Porque esse é o ponto essencial, não é? É disso que trata uma Política Integral: à medida que cada momento passa a existir – à medida que cada hólón ou ser senciente passa a existir – sua estrutura própria é a matriz AQAL – e aqui ‘matriz’ não significa o mesmo que no filme *Matrix*, mas é um padrão ou estrutura intrincada – o padrão orgânico holístico deste momento é a matriz AQAL: a experiência em si deste momento tem quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos. E se vocês não os percebem, ficam perdidos neles; e essa parte é como no filme – vocês estão perdidos na *Matrix*, só que, desta vez, na *Matrix* da sua própria ignorância.

“Em um estar-no-mundo humano, essas importantes dimensões – **interno/externo, translativo/transformativo, individual/coletivo, mais a altitude** – precisam ser levadas em conta em qualquer teoria política e ação política, de modo que o ser humano fique conectado com a realidade. (A figura 4, página 35, apresenta algumas delas, e eu explicarei essa figura com mais detalhes à medida que avançarmos.) Mas concentrar-se exclusivamente em um desses elementos – como os quadrantes do Lado Esquerdo ou do Lado Direito – ou um nível particular – gerará uma teoria política parcial – como o anarquismo, o liberalismo, o conservadorismo, o socialismo, o comunismo e assim por diante.

“Em outras palavras, cada uma das principais teorias e sistemas políticos que têm sido oferecidos até o momento leva em conta algum aspecto da matriz AQAL, e é gerada por esse(s) aspecto(s). Mas nenhuma delas até hoje levou em conta a matriz AQAL inteira. Isto é, nenhuma delas é Integral. No entanto, qualquer teoria ou sistema político que não o seja simplesmente cria e perpetua um sistema de governança fragmentado, dilacerado, fraturado e brutalizante – o que caracteriza, de uma forma ou de outra, a história dos sistemas de governança até os dias de hoje, alguns melhores e outros piores, alguns integrais para o seu tempo, mas nenhum deles Integral, todos gerando danos e torturando em um grau maior ou menor.

“Então, o que queremos fazer é: (1) identificar como os elementos AQAL são gerados a cada momento e dão origem a vários tipos de teoria e ação políticas, catalogando todos os movimentos políticos até agora (ou seja, onde cada movimento se localiza nos três eixos e na altitude); ele é mais internalista ou externalista?; individual ou coletivo?; transformativo/progressista ou translativo/conservador?; e de qual altitude ele provém, foca e realmente age?. (2) identificar o que seria uma verdadeira *teoria* de Política Integral que incluísse todos os elementos AQAL, não apenas alguns. E por fim, (3) qual seria a *práxis* de uma Política Integral ou **Integralocracia** (desculpe por esse termo, não parece haver uma boa alternativa), incluindo a estrutura real de uma Liga Mundial. **A cada momento há a pressão gerada pela própria estrutura da experiência (AQAL) e quaisquer que sejam os componentes desse momento AQAL que vocês experienciam – ou dos quais estejam conscientes – eles gerarão sua visão da política.** Se derem ênfase à transformação e mudança do presente, vocês se inclinarão para movimentos progressistas. Se derem ênfase à translação e manutenção do presente, vocês tenderão para movimentos conservadores (estamos falando do presente, não do Presente, que não muda nem permanece o mesmo – ele é intemporal – e é tratado em tópicos como a Prática de Vida Integral, que pode atravessar, e atravessa, a *práxis* política, por meio de formas que AQAL lida completamente, em termos de níveis de consciência mais elevados, estados de consciência causal e não dual, bem como tipos. Mas este é outro tópico, com o qual lidaremos mais tarde, portanto fiquem ligados). Se derem ênfase à culpa interior pelo sofrimento humano, vocês tenderão para movimentos da Direita; se derem ênfase à causa social do sofrimento, vocês se inclinarão para movimentos da Esquerda. Se derem ênfase aos direitos coletivos sobre os direitos individuais, vocês tenderão para movimentos comunitários. Se derem ênfase aos direitos individuais sobre os direitos coletivos, vocês tenderão para movimentos libertários. E assim por diante. Usando o Código AQAL, vocês podem classificar todos os grandes movimentos políticos até o momento, sem mencionar que também podem criar o primeiro movimento político que leve em conta todas essas dimensões já existentes, o que seria de fato fazer história. Estamos distribuindo um folheto que resume alguns pontos importantes.”

O Folheto: Teoria Política Integral e o Código AQAL

O código AQAL ou a matriz AQAL é a arquitetura deste e de cada momento que surge – possuindo quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos. Isto parece complexo, mas, na verdade, não é. Os quadrantes, por exemplo, são apenas outra versão das perspectivas de primeira-pessoa, segunda-pessoa e terceira-pessoa, ou ‘eu’, ‘nós’ e ‘isto’; cada momento pode, de fato, ser olhado de uma perspectiva-eu, de uma perspectiva-nós e de uma perspectiva-isto – tal como encontramos na arte, na moral e na ciência, respectivamente. O que é tão surpreendente sobre AQAL é que, embora pareça complicado, todos os seus aspectos se resumem a dimensões da sua experiência, exatamente agora. *E quanto mais você está consciente de sua experiência a cada momento, mais está realmente habitando o espaço AQAL* (e quanto menos consciente está de cada momento, mais você inibe sua experiência: a ignorância tem um preço).

Portanto, esta não é apenas uma questão teórica, chata e abstrata, mas uma questão de quanto da sua vida você está consciente, e AQAL é um mapa para ajudá-lo a orientar-se exatamente nisso; o Código AQAL é o que se conhece como **psicoativo**: comece a aprendê-lo e ele passa a verificar automaticamente sua experiência presente em áreas que você nem sabia que existiam, desde elementos de sombra a diferentes perspectivas até a Grande Mente [*Big Mind*] propriamente dita, ajudando-o a tornar-se consciente deles.

Perceber essas dimensões e desejar colocá-las em ação é o que gera uma teoria e uma prática políticas. Contudo, concentrar-se, consciente ou inconscientemente, em apenas alguns dos seus elementos – apenas em alguns quadrantes com a exclusão de outros ou apenas em um nível com a exclusão de outros, etc. – gera uma política parcial, excludente e brutalizante em sua natureza e meios.

A Teoria Política Integral propriamente dita tem duas partes principais. Primeiro, qualquer teoria política pode ser classificada e indexada usando a matriz AQAL. Fazer isso esclarece a natureza do movimento político em questão, ao mesmo tempo que demonstra a natureza dos fragmentos que precisam ser integrados em uma Política mais Integral. É o que a segunda parte faz – ou seja, identifica e esboça uma Política Integral para qualquer grupo, sociedade ou planeta que precise dela. (Isso cobre a *theoria*, mas é claro que, além disso, também precisamos cobrir a *praxis* real – uma Prática Política Integral ou uma verdadeira plataforma política de ação, que deixaremos para uma discussão posterior.)

Aqui está um breve resumo dos elementos essenciais AQAL e como eles se relacionam com os movimentos políticos existentes. Focalizamos neste folheto principalmente **níveis/linhas**, **quadrantes** e **tipos** de processos de mudança (a saber, transformação/translação). Isto nos dá três eixos de orientação (**internalista/externalista**, **individualista/coletivista**, **transformativo/translativo**) e uma escala de altitudes (de que **níveis** derivam esses três eixos para cada movimento). Essas são quatro **escalas maiores**, três das quais são, na verdade, polaridades ou eixos, e uma que é a altitude evolutiva. Usando essas **quatro escalas** (e várias **escalas menores**, como você verá), quaisquer teorias ou movimentos políticos podem ser mapeados de maneira útil. A seguir, as quatro escalas maiores (juntamente com as menores). Os elementos AQAL estão em *itálico*; quando usados como os vários eixos e escalas, eles são apresentados em **negrito**; além disso, as quatro escalas maiores (três eixos principais mais altitude) são numeradas, de modo que estão em negrito e entre parênteses (**# 1**, **# 2**, etc.).

Os Quadrantes ou Dimensões: Quem é o Culpado e Quem tem Mais Direitos? (# 1) Os quadrantes interior e exterior constituem o **eixo de causação social**, também chamado de **eixo internalista/externalista** (ou, às vezes, coloquialmente, **eixo natureza/criação**), que responde à pergunta: quem ou o que é basicamente o culpado por causar o sofrimento humano, o mundo interno ou o mundo externo? Natureza/criação é um debate sem fim porque, segundo AQAL, nenhum dos lados pode vencer. Ambos estão certos.

(# 2) *Os quadrantes superiores e inferiores* constituem o **eixo individual/coletivo** (ou eixo individual/comunal), que responde à pergunta: quem tem a autoridade suprema, “eu, o indivíduo” ou “nós, o povo” – os direitos humanos do indivíduo ou os direitos sociais da coletividade – autonomia privada ou autonomia pública – hólón individual ou hólón social?

Claro, nada disso, na realidade, é sempre um simples *ou/ou* – eles, literalmente, não podem existir um sem o outro – mas sim *uma questão de percentagens*. Usamos esses eixos tentando medir os pesos teórico e prático dados a cada polaridade em qualquer sistema político. No entanto, especialmente em movimentos de primeira camada, encontramos ocasiões em que um sistema se define como um polo de uma polaridade contra o outro, e realmente gasta seu tempo tentando erradicar o outro polo: só o estado tem direitos, ou apenas o indivíduo tem direitos, ou apenas a sociedade é culpada, etc. – com miopia similar, às vezes inevitável, em relação à altitude: somente valores âmbar são reais, apenas valores verdes são reais e assim por diante. Em todos os casos, essas características são simplesmente observadas e inseridas no sistema de indexação. É óbvio que uma política verdadeiramente integral busca o caminho do meio, ou a forma genuinamente integradora, de todas as principais polaridades – através de **transcendência e inclusão** – e abre espaço para todos os principais valores de altitude, por meio da **diretriz fundamental**.

Tipo de Mudança: Transformação ou Translação?

Cada ser senciante ou hólón (um hólón é um todo que é parte de outros todos; por exemplo, um átomo inteiro é parte de uma molécula inteira, uma molécula inteira é parte de uma célula inteira, uma célula inteira é parte de um organismo inteiro, etc.), além de possuir quatro *quadrantes*, está basicamente envolvido em **translação** (mudança em um nível, via *ação* e *comunhão*) ou **transformação** (mudança entre níveis, via *progressão* e *regressão*). Isto nos dá três eixos adicionais (dois deles considerados menores): um hólón deseja transformar-se ou transladar? – o **eixo transformação/translação**; se quiser transladar, deseja fazê-lo principalmente através de *ação* ou *comunhão*? – o **eixo agente/comunal**; se quiser transformar-se, a transformação é para cima ou para baixo, progressiva ou retrogressiva? – o **eixo progressivo/regressivo**).

Na prática, embora seja importante considerar todas essas três **escalas menores** (e qualquer indexação completamente Integral o fará), elas, geralmente, são condensadas em um único eixo maior, que chamamos de (# 3) **eixo transformação/translação** ou **eixo progressista/conservador**. As três escalas menores são colapsadas nessa escala maior como se segue (embora, novamente, se uma análise mais precisa for necessária, usamos todos esses três eixos):

Em uma dada altitude ou nível de desenvolvimento, um hólón pode *transladar* nesse nível ou *transformar-se* em um nível totalmente diferente. A translação horizontal (impulsionada por *Ágape*, que inclui o presente) envolve *ação* e *comunhão*; a transformação vertical é quase sempre *progressiva* (*Eros*) ou *regressiva* (*Tânatos*).

Descer na escala de desenvolvimento, ainda *mantendo acesso* ao nível atual, é impulsionado por *Ágape*; mas a verdadeira regressão, que envolve a perda do nível atual, é disfuncional e impulsionada por **Tânatos**, a pulsão de “morte”, que é uma pulsão para destruir o presente nível e decompô-lo em elementos inferiores ou níveis mais baixos – mais sobre isso em breve.

“Permitam-me fazer uma pequena digressão aqui, porque acho que é importante. Vocês não encontram esses tipos de confusões tão frequentemente quanto antes, mas elas ainda são bem comuns e bastante desastrosas. Existem movimentos sociais que desejam ser ‘retrogressivos’, como o Movimento Romântico, mas é necessária uma análise mais acurada para ver se está envolvida uma *regressão estrutural* real ou se há partes autênticas, mas erroneamente envolvidas com **estados de consciência** espirituais ou superiores, que estão sendo confundidos com **estágios de consciência** reais, mas inferiores. Muitos movimentos românticos, por exemplo, confundem **estados não duais** de unidade, maduros, experienciais, jubilosos, com estágios infantis prévios de **fusão adual** (como o estágio pré-diferenciado no seio da mãe, onde o bebê não consegue perceber a diferença entre sujeito e objeto). Este é um exemplo da **falácia estado/estágio** (às vezes chamada com mais precisão de falácia estado/estrutura), ou **FEE** em ambos os casos, e a FEE está no cerne da maioria dos movimentos retrorromânticos. Esses movimentos entram genuinamente em contato com algum estado de consciência causal ou não dual, ou com **experiências de pico** e **estados alterados** extáticos – que são, em muitos aspectos, genuinamente não racionais; mas então eles imaginam que essas **experiências não racionais, experiências de pico** ou **estados intemporais de unidade** são, essencialmente, os mesmos que algumas **estruturas pré-rationais** prévias, infantis, indiferenciadas. (Isto é, o estágio real de formação ou configuração do mundo do bebê. Uma vez que essa formação – chamada de *adualismo* – ainda não diferenciou sujeito e objeto, *parece* que foi além da dualidade sujeito/objeto, ou que é verdadeiramente *não dual*, quando, na verdade, é apenas fusão *pré-dual*, também conhecida por ‘fusão adual’. Não está **acima**, mas **abaixo**.) Vocês conseguem perceber como é fácil fazer essa confusão?”

“Essa confusão bem específica é um tipo de falácia de estado/estrutura; uma versão especial dela, a **falácia não/pré (FNP)**, ou uma confusão de estados não racionais com estruturas pré-rationais, é bem comum e compreensível... e muito errada. Por exemplo, essa falácia pressupõe que a fusão adual do bebê no seio da mãe é essencialmente a mesma da unidade com a supermente ou Grande Mente ou Presença não dual. Ora podemos ser generosos e até admitir que o bebê seja, em geral, uno com a Grande Mente – afinal, todo ser senciente é. Mas esse estado de consciência não dual da Grande Mente **NÃO** deve ser identificado com uma estrutura de desenvolvimento, ou *v*meme,⁹ ou nível de desenvolvimento inicial, ou algo parecido. Em termos da Dinâmica da Espiral, isto corresponde a confundir completamente o estágio bege com a Grande Mente (e depois dizer que, a fim de despertar a Grande Mente, devemos retornar ao bege infantil, porque somente ele, entre todos os *v*memes, é o único que detém a Grande Mente). Não faz o menor sentido.”

Lesa esboçou um leve sorriso como desculpa para uma imprensa ainda mais confusa, agora que ela estava “simplificando”.

⁹ O termo “meme” foi apresentado pela primeira vez por Richard Dawkins. Ele e outros o usaram para descrever uma unidade de informação cultural tal como uma ideologia política, uma tendência da moda, um uso da linguagem, formas musicais, ou mesmo estilos arquitetônicos. Assim, o que genes bioquímicos representam para o DNA, memes representam para o nosso “DNA” psicocultural. O conceito de meme foi, posteriormente, expandido por Don Beck e Chris Cowan em seu livro *Spiral Dynamics*, colocando um “v” sobrescrito antes de “meme” para simbolizar um meme de valores e introduzindo cores para designar cada *v*meme, a saber: bege (arcaico), roxo (mágico), vermelho (mágico-mítico), azul (mítico), laranja (racional), verde (pluralista), amarelo (integrativo) e turquesa (holístico). Ver Apêndice A onde são detalhadas as características dos diversos *v*memes. (N.T.)

“Bem, sinto muito, mas permitam-me concluir rapidamente este tópico e então eu prometo voltar ao Folheto. O movimento romântico típico de fato contém uma verdade incrivelmente importante, ou seja, que todos os seres sencientes possuem Grande Mente, ou Ser não dual, e que, a fim de despertar esse Ser, precisamos abandonar nossas identificações exclusivas com a racionalidade egoica. No entanto, o movimento romântico típico comete ainda uma terceira falácia em busca dessa verdade: a **falácia pré/trans ou pré/pós** (que pode ser representada por FPT ou FPP). Uma vez que ele tenha confundido um muito real e muito genuíno estado de consciência não dual (e de unidade experiencial) – bem, uma vez que confunde esse estado não dual com uma estrutura pré-racional, ele assume que, se estamos no estágio ou estrutura ou nível de desenvolvimento racional-egoico, e precisamos entrar em contato com nossa própria presença não dual ou Grande Mente, que irá (ou pelo menos deveria) ser um estágio mais elevado do nosso desenvolvimento individual e coletivo, então temos que regredir para a infância (ou para a consciência tribal primordial ou arcaica ou bege ou pré-moderna, etc.) e recapturar esse estágio inicial de desenvolvimento, já que é no pré-racional bege que reside a Grande Mente – confundindo assim pré-racional com pós-racional e recomendando algum tipo de regressão real em vez de progressão no desenvolvimento (isto é, ele está ligado a Tânatos, não a Eros). Observem que não estamos dizendo que os estágios prévios não devam ser recontatados e reintegrados; estamos negando que a Grande Mente resida apenas neles e não igualmente em outro lugar. **A Grande Mente pode, de fato, ser vivenciada em praticamente qualquer estágio de desenvolvimento;** é verdade que a Grande Mente não deve ser identificada com o estágio egoico-racional; porém, ela não se identifica exclusivamente com nenhum estágio, muito menos com o estágio bege [infravermelho] do bebê. De novo, isto é confundir um estado com uma estrutura (FEE e, bem especificamente, em sua forma de FNP); portanto, confundir estruturas-pós com estruturas-pré (FPP), e depois regredir para a infância a fim de encontrar Deus (a FPP em sua forma elevacionista, seguida de recomendada regressão). E aqui temos as três falácias juntas: FEE, FNP e FPT. Isto é um monte de erros, dada a correção essencial de sua intuição; daí por que ocorrem tantos acidentes com os Retrorromânticos em sua viagem de retorno a um Éden imaginado. Deus os abençoe.

“Mas eles se voltaram para o começo. O ‘**Retorno à Origem**’ transformou-se em uma obsessão pós-moderna, e essa falácia pré/pós (e seu ataque hiperbólico à razão) infectou teorizadores, de Nietzsche a Horkheimer, de Adorno a Heidegger. Ela infectou praticamente todas as formas de espiritualidade da Nova Era e muitas formas de psicologia transpessoal; e está também no cerne da espiritualidade *boomerítica*. E para desfazer essa confusão – que, repetirei muitas vezes, é geralmente movida por boas intenções, corações compassivos, experiências reais de estados não duais e excepcional raciocínio teórico – é necessária uma Teoria Integral, uma teoria que consiga desembaraçar essas três falácias profundamente arraigadas e, assim, no final, ser capaz de honrar a verdade essencial das tradições românticas: ou seja, que há um domínio mais elevado ou mais profundo da consciência e do ser do que o oferecido pela presente racionalidade, mentalidade egoica e industrialização moderna – mas sem o elevacionismo, o anti-intelectualismo e a regressão a que são conduzidos os Românticos, agora transformados em Retrorromânticos. Uma das maiores coisas que a Teoria Integral oferece aos Românticos é uma saída: uma maneira de preservar e honrar sua experiência de puro Ser não dual (ou algum estado autêntico semelhante), mas sem realmente destruí-lo no processo com tantas confusões.”

Quando Lesa novamente sorriu fugazmente para Margaret, desta vez Margaret levou sua mão à garganta e fez um gesto de “corta”, presumivelmente significando “já chega”. Pare com essa nota de rodapé vocal e volte ao Folheto, eu suponho

Lesla assentiu. “Ok, ok, vou concluir bem rápido. É por isso que uma análise AQAL mais completa envolve o uso não apenas de quadrantes, níveis e linhas, mas também de estados (isto é, de estados de consciência, experiências de pico, consciência não dual, estados alterados, etc.). Em geral, eles são experienciados fora do domínio da razão, da lógica e do ego, mas já que os estados em si não costumam

mostrar desenvolvimento, como quase todas as estruturas o fazem, é melhor nos referirmos a esses tipos de estados de consciência como estados **não** racionais e **não** egoicos, e não como estados **trans**racionais ou **pós**-racionais (ou transegoicos ou pós-egoicos; nem, no outro extremo, como pré-racionais ou pré-egoicos, e assim por diante). Os estados, em si, não se movem de **pré-x para x para pós-x**, e por isso não se enquadram diretamente nessa falácia do desenvolvimento (isto é, na falácia pré/pós). *Estados*, em especial, precisam ser diferenciados de *estruturas* e de *estágios de estrutura* que, de fato, movem-se de pré-x para x para pós-x (pré-racional para racional para transracional ou pré-pessoal para pessoal para transpessoal ou subconsciente para autoconsciente para superconsciente, ou id para ego para Espírito). A falácia pré/trans, ou falácia pré/pós, aplica-se a estruturas de desenvolvimento, não a estados (porque, como observado, os estados geralmente não se desenvolvem; no entanto! – notem que se estados particulares forem desenvolvidos – como no desenvolvimento contemplativo ou estágios de estado – *eles podem se envolver, de fato, em um tipo de falácia pré/pós* – uma confusão de estados **pré-x** e **pós-x**, simplesmente porque ambos são **não-x**). Mas aqui estamos falando sobre o fato de que, uma vez que confundamos um estado não racional com uma estrutura pré-racional (ou seja, a *falácia estrutura/estado*, mais especificamente, a *falácia não/pré*), então, em geral, cometemos a *falácia pré/trans* ou *falácia pré/pós* logo em seguida. E, assim, nossa linda visão romântica acaba por recomendar que abracemos o infantilismo e a retrogressão em larga escala, cujos desastres são difíceis de superestimar.”

“Que diabos estamos fazendo aqui?”, falou em voz alta um membro da imprensa. Cabeças concordaram vigorosamente.

“Terminem de ler o Folheto, e eu explicarei, prometo. E desculpem pela repetição, porque o Folheto também fala de Eros e Ágape, como vocês verão, mas sem o desvio para o Romantismo. Portanto, leiam por favor, e levantem a mão se surgir alguma dúvida.” E assim, presumivelmente, todos voltaram ao Folheto; o som lamentavelmente doloroso de pessoas sendo forçadas a pensar era quase audível:

Movimento em um nível de consciência é **translação**; movimento para um nível de consciência mais elevado é **transformação**. Se um hólón permanece no seu nível particular e inclui a presente translação (e sua ação-e-comunhão), isto é **Ágape**, ou a pulsão para conservar e abraçar o presente (assim como seus elementos e níveis inferiores). A translação em si consegue enfatizar a ação ou a comunhão (esta é a escala menor conhecida como **eixo agente/comunal**), ambas englobadas na pulsão de Ágape em qualquer nível determinado, pulsão esta para conservar e preservar este nível (e seus constituintes de níveis inferiores) usando uma translação sadia ou ação-e-comunhão *neste nível*.

Se um hólón realmente muda de nível (não apenas toca o nível acima ou abaixo – e sim, move-se para cima ou para baixo), essa mudança transformadora pode ser de caráter *progressivo* ou *regressivo*. A progressão normal, ou transformação ascendente, é impulsionada pelo **Eros** sadio (Eros doentio é *repressão*, ou **Fobos**, isto é, impellido essencialmente por medo), enquanto a regressão, ou movimento descendente, é impulsionada pelo Ágape doentio, ou **Tânatos** (isto é, a pulsão de dissolução/morte); desse modo, a oposição Eros/Tânatos nos dá a escala menor conhecida como **escala progressão/regressão**). Como observado, Ágape saudável *desce* e *abraça* níveis mais baixos – começando por seu próprio nível atual, e é exatamente por isso que Ágape é profundamente conservador, ou metade da equação radical de verticalidade (Eros progressivo, naturalmente, sendo a outra metade). Algumas pessoas pensam que Ágape só abraça níveis mais baixos, mas Ágape abraça o que já está totalmente presente em um

amoroso autoabraço de espírito imanente, e isso certamente inclui seu nível atual, ao contrário de Eros, que está sempre buscando (e movendo-se para cima) por algo mais superior, maior e mais brilhante. Eros é o amor dos todos superiores e emergentes; Ágape é o amor dos todos inferiores e já emersos (incluindo seu próprio todo presente). Eros é transcendente, Ágape é imanente. Eros é Liberdade, Ágape é Plenitude. Ambos, escusado dizer, são desesperadamente necessários. (Mas vocês conhecem muitos sistemas que ignoram completamente um ou ambos, não é mesmo?)

Assim, resumindo essas escalas específicas, um hólón saudável encara duas escolhas básicas: *transformação* ascendente, impulsionada por Eros ou *translação* saudável, dirigida por Ágape. Onde o eixo **transformação/translação**, na prática *saudável*, é essencialmente o mesmo eixo **progressista/conservador** e, quando usado nesse sentido, chamamos ambos de terceiro eixo maior (# 3).

(Escusado dizer que esse eixo não deve ser confundido com partidos políticos propriamente ditos. É verdade, no entanto, que muitos partidos políticos são tão fortemente influenciados por esta pressão particular em sua própria conscientização e estar-no-mundo que, intuitivamente, tendem a usar termos como esses para descrever sua orientação política real. Mas por mais importante que seja este eixo – e ele é claramente muito importante – raramente é a escala mais relevante que pressiona a consciência de alguém, e tem de situar-se entre todas as outras escalas maiores para realmente fazer sentido. Afinal de contas, existe âmbar progressista e âmbar conservador, laranja progressista e laranja conservador, verde progressista e verde conservador, *teal* progressista e *teal* conservador, e assim por diante.)

“Bem, eu estava dizendo que Eros é o amor do mais baixo alcançando o mais elevado, e Ágape é o amor do mais elevado descendo até o mais baixo. Isto também significa que Ágape é o amor por todos os hólons atuais e inferiores (isto é, por todas as ocasiões da altitude presente e das altitudes mais baixas). Mas se um hólón não só amar e incluir os inferiores, mas na verdade *descer* ou *regredir* para os níveis mais baixos e dissolver os níveis superiores, isto é *disfuncional*, *doentio* ou *patológico*, e não é conduzido por Ágape, mas por Ágape patológico, que apropriadamente chamamos de **Tânatos** – não apenas autoabraço, mas autodestruição – o impulso autodestrutivo. É uma pulsão que mata ou destrói o nível atual (daí a ‘pulsão de morte’ – não a morte por transcendência, que envolveria a morte egoica e do Eros ascendente, mas sim a morte descendente de mera destruição, deformação e disfunção. Não transcender e incluir algo, mas simplesmente esmagá-lo.) Da mesma forma, há também **Eros doentio**, ou transformação ascendente patológica, que é Eros que não transcende-e-inclui, mas transcende-e-reprime: portanto, não é Eros sadio, mas **Fobos**, medo e repressão. Tânatos leva a **regressão**; Fobos leva a **repressão** (a propósito, esta é uma descoberta muito importante). E acreditem, homens e mulheres da imprensa, qualquer movimento político que tenha umas dessas pulsões institucionalizará de fato uma dessas formas de não liberdade. A regressão mata todas as capacidades superiores; a repressão mata todas as capacidades inferiores. E sem uma perspectiva Integral, mesmo que a teoria ou prática política queira, ela não conseguirá ver o que está fazendo de errado e, assim, confundirá tristemente a natureza dos interesses e práticas emancipatórios. Na tentativa de ajudar a criar mais liberdade e plenitude para seus membros, infelizmente, criará menos de cada uma para todos. A Teoria Integral, por outro lado, é uma teoria e prática profundamente **emancipatória**. E ela pode oferecer e transmitir emancipação, transformação e libertação... porque, francamente, sabe exatamente o que está fazendo. Conhece qual é o caminho acima. E qual é o caminho abaixo. E não os confunde. Desnecessário dizer, mais sobre isso daqui a pouco.”

Altitude: Níveis e Linhas

Cada hólon possui esses **três eixos maiores** (internalista/externalista, individualista/coletivista, progressista/conservador), mas, como sempre, todos eles existem *somente em uma determinada altitude*; por isso é necessário especificar a altitude de qualquer ideia ou movimento político, tanto em sua teoria quanto em sua prática.

De que *nível* ele provém? A qual *nível* serve? Esta é a **escala de níveis (# 4** ou a quarta e última escala maior que usamos). Essa escala é muito importante, porque os valores mais básicos de um movimento político (não seus únicos valores, mas seus valores mais fundamentais) serão definidos pela sua altitude – afinal, pode-se ser um âmbar progressista, um laranja progressista, um verde progressista, um turquesa progressista, etc. Ou pode-se ser um âmbar conservador, um laranja conservador, um verde conservador, etc. Da mesma forma, pode-se ser um âmbar coletivista, um laranja coletivista, um verde coletivista, etc. Ou um âmbar externalista, um laranja externalista, um verde externalista e assim por diante. Ser um coletivista ou conservador ou progressista, etc. geralmente é menos significativo que sua altitude, apesar de todos os eixos serem fundamentais e necessários para uma indexação Integral.

No entanto, se formos forçados a escolher um, o **nível** talvez seja o mais importante de todas as escalas e eixos. E adivinhem... é a escala que é quase completamente ignorada por todos os principais teorizadores políticos do passado e do presente.

O nível ou altitude fornece o tipo de *conteúdo* (âmbar, laranja, verde, teal, turquesa, índigo, etc.), enquanto os três eixos fornecem *orientações* para esse conteúdo (internalista/externalista, individualista/coletivista, progressista/conservador).

Para uma análise mais precisa da altitude, não olhamos apenas para o nível geral de uma teoria ou movimento político, mas também para quais *níveis de desenvolvimento* em quais *linhas de desenvolvimento*. Em particular, de que nível **fala** (a linha cognitiva)? E por qual nível **caminha** (a linha do eu, ou o centro de gravidade, CDG)? E em ambas as linhas, de que nível provém, e a que nível de circunscrição realmente se dirige? Isto é, não se trata apenas do nível do teorizador, mas também do centro de gravidade das massas. (Vocês ficariam surpresos com o quão desbalanceadas muitas teorias políticas são, ultrapassando consistentemente seus leitores, ou seja, superestimando sua altitude. Karl Marx, por exemplo, em geral escreveu intelectualmente do verde, mas atraiu um centro de gravidade nas massas que era âmbar. Sua fala e o caminhar das massas eram bem diferentes. Essa confusão significava que o Marxismo não poderia ser realmente transformador – ele mirava muito alto para ter efeito real nas estruturas sociais e na integração social da sociedade que o implementou – assim acabou meramente como um soporífero translativo ou uma “religião” translativa – e daí o Marxismo logo se tornou o ópio das massas em dezenas de culturas, mais notadamente na União Soviética e China. Por outro lado, o Capitalismo, com todos os seus problemas, falou laranja para um enorme número de indivíduos naquele momento da história que poderiam de fato alcançar a altitude laranja e, em especial, para uma audiência Ayn Rand, ansiosa por ir além de um âmbar sufocantemente conformista rumo a um tipo de individualidade real, hiperinflada e instrumental – e, assim, o Capitalismo serviu como um genuíno marcador

de transformação para um grande número de culturas, para melhor ou para pior: o que é, definitivamente, outra discussão.)

Mas ao olhar para várias linhas, especialmente o falar e o caminhar (tanto do autor quanto do leitor), temos alguns exemplos da **escala de linhas**, que é uma das escalas importantes, ainda que menor. Muitas vezes, quando enfatizamos a necessidade de níveis e linhas, falamos não apenas da altitude, mas da **escala de níveis/linhas** (e ainda assim a numeramos como # 4; é a mesma dimensão básica).

Também relacionada à escala de níveis, há a **escala de estágios/estações**.

Estágios como estações significa: uma vez que há indivíduos praticamente em todas as altitudes, cada nível de consciência ou **estágio de desenvolvimento** também deve ser considerado uma **estação na vida** (ou um modo de vida honroso a ser respeitado) e qualquer teoria ou prática social esclarecida faria exatamente isso. Temos de encontrar um jeito de permitir que o vermelho seja vermelho, o âmbar seja âmbar, o laranja seja laranja, o verde seja verde, o turquesa seja turquesa e assim por diante, e encontrar uma forma para que *todos* eles se ajustem, pelo menos no mundo real (um fato que o verde se recusa a ver, já que o verde faz de conta que vai “mudar e transformar o mundo inteiro” – se, claro, vocês adotarem os *seus* valores verdes. Mas o verde odeia o laranja, fulmina o âmbar, abomina o vermelho, acha que o turquesa é o anticristo, e assim por diante. O verde tenta honestamente ser não marginalizante, mas sem um mapa Integral, e um pouco mais de altitude, falha redondamente). Portanto, qualquer teoria política verdadeiramente integral deve especificar como integrar *todos os níveis* do Espectro; e isso significa a Diretriz Fundamental, cuja essência é: como a ponta de lança hoje é o turquesa, são pelo menos seis níveis ou estruturas ou altitudes ou **estágios de desenvolvimento** principais que devem ser incluídos como **estações de vida** ou **estações do mundo da vida** (ou seja, magenta, vermelho, âmbar, laranja, verde, *teal*/turquesa) no mundo político de hoje. Leva-se em conta apenas um ou dois desses níveis/estações ou todos os seis? E não apenas teoricamente ou como um mapa! Como **realmente** fazer isso no mundo real ou, mais especificamente, como fazer as mudanças integrais relativamente pequenas que forem possíveis e esperar que elas ajudem a gerar um desenvolvimento um pouco mais integral em cada transformação sociocultural subsequente?

Daí a **escala estágios/estações**: *quantos níveis de consciência uma teoria política atinge autenticamente?* Não adianta afirmar que estou levando em conta todo o Espectro se não consigo dizer exatamente como deixar o vermelho ser vermelho, o âmbar ser âmbar, o laranja ser laranja e o verde ser verde – mesmo que governe do turquesa. Sem desatar esse nó, não há Integral. Como observado, adultos param o seu desenvolvimento em qualquer estágio – sempre haverá adultos vermelhos, adultos verdes e adultos índigo – e é direito deles. Em qualquer momento da história, o ideal político é **permitir que cada estágio seja ele mesmo, e governar do estágio mais elevado possível disponível nesse momento**. (Historicamente, houve uma época em que foi o âmbar, depois o laranja, em seguida o verde e hoje está perto de ser o *teal*/turquesa.) Mais sobre esta questão em breve, com a Trialética... O ponto agora é: **estágios de desenvolvimento** transformam-se

em **estações na vida**, e nós temos de lidar com essa inevitável realidade de uma maneira esclarecida e integral.

Outra escala menor que, às vezes, é importante e pode ser incluída é a do papel do Governador ou Regulador, que cada hólón social possui (esta escala vai do Anarquista quimérico ao Guardião minimalista ao Estado maximalista; esta é a **escala do Regulador**, e costumamos apresentá-la como Regulador **minimalista/maximalista**). Esta escala frequentemente se sobrepõe, mas é distinta do (**# 2**) **eixo individualista/coletivista** (isto é, embora seja verdade que muitos coletivistas sejam intervencionistas estatais, alguns coletivistas desejam alcançar o coletivismo por outros meios que não o da intervenção do Estado, como o naturalismo ou o comunitarismo local). Apesar de, em geral, minimalista/maximalista ser incluído no eixo individualista/coletivista devido à sua frequente sobreposição, é, no entanto, uma variável independente.¹⁰

Resumindo tudo isso, aqui estão as nove escalas maiores e menores da sinfonia da Política Integral (as três primeiras escalas são os eixos, a quarta é a altitude; a quinta se refere a inteligências múltiplas; a sexta e sétima são eixos; a oitava é nível/quadrante; a nona é ação-do-nexo social; todas são apresentadas como “escalas” e são obtidas diretamente dos elementos do Código AQAL, elementos que realmente pressionam a consciência e o estar-no-mundo de um indivíduo, e elementos que, conseqüentemente, informam a orientação política de uma pessoa, entre muitas outras coisas):

Escalas maiores:

1. interno/externo (natureza/criação); também usualmente Direita/Esquerda

2. individual/coletivo (hólons individuais/sociais)

¹⁰ Os quatro impulsos sádios de todos os hólons (Ágape, Eros, ação, comunhão) não devem ser confundidos com os quatro quadrantes. Apesar de serem semelhantes em alguns aspectos, e representações simples como a figura 4 nem sempre os distingam, eles são consideravelmente diferentes. Os quatro quadrantes são **espaços** ou **dimensões reais**; os quatro impulsos são **pulsões** *que podem ocorrer, e ocorrem, em quaisquer desses espaços*, e ajudam a orientar um hólón para esses espaços, dimensões ou quadrantes e no âmbito deles (isto é, uma molécula no Quadrante Superior Direito tem impulsos de ação e comunhão; comunhão não é algo que ocorre apenas nos quadrantes inferiores. Como mostrado na figura 4, se um indivíduo enfatiza seus impulsos comuns sobre impulsos de ação, é verdade que eles tendem a favorecer os Quadrantes Inferiores ou Nós/“Istos”, mas isso não é o mesmo que ser os Quadrantes Inferiores).

Comentaristas frequentemente confundem **impulsos** de ação/comunhão com **quadrantes** individuais/coletivos (geralmente são os mesmos comentaristas que confundem ou igualam hólons individuais e sociais). Impulsos são impulsos e quadrantes são as dimensões ou espaços *nos quais* esses impulsos podem operar e operam (todos os quatro impulsos operam nos quatro quadrantes: por exemplo, uma molécula no Quadrante Superior Direito tem Eros em direção a células, Ágape relativamente a seus próprios átomos e quarks, e ação e comunhão com respeito a outras moléculas do seu próprio nível). Portanto, o eixo agente/comunal refere-se à ênfase relativa dos impulsos em um hólón; o eixo individualista/coletivista é o espaço em que esses impulsos podem ou não ser satisfeitos. É por isso que, quando se trata de teoria política (em contraste com a teoria psicológica), que está preocupada com a governança dos espaços públicos, o eixo que analisamos é o individualista/coletivista. No entanto, já que eles compartilham algumas semelhanças, ocasionalmente, usamos impulsos de ação/comunhão de um hólón para falar de dimensões individuais/coletivas e vice-versa; mas isso é apenas por conveniência.

3. transformação/translação (progressista/conservador, Eros/Ágape)

4. altitudes/níveis (níveis/linhas)

Escalas menores:

5. linhas (especialmente o falar e o caminhar)

6. ação/comunhão (autonomia/relacionamento)

7. progressão/regressão (transformação ascendente/descendente)

8. estágios/estações (níveis de desenvolvimento que instruem o mundo da vida adulta no Quadrante Superior Esquerdo)

9. regulador (sistema de governo)

Essas escalas estão representadas genericamente na figura 4.

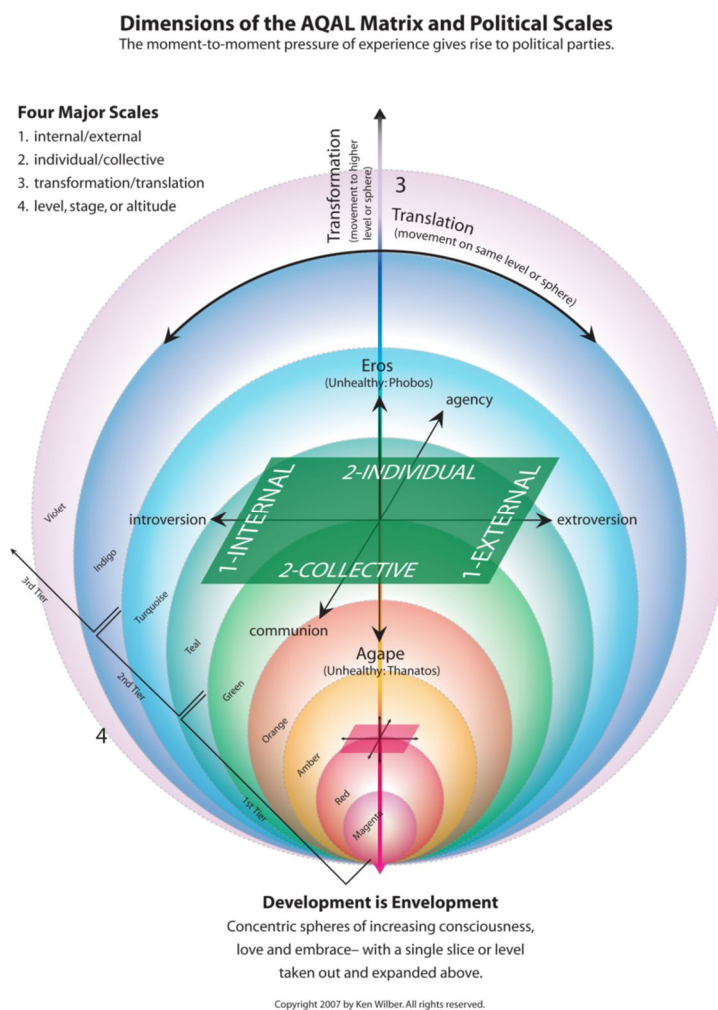


Figura 4. Elementos da Matriz AQAL que pressionam a consciência para instruir teoria e ação políticas como indicado. (Ver Apêndice B para tradução dos termos.)

“Antes de discutir isso, permitam-me dar um rápido exemplo de como podemos usar o Código AQAL para classificar todos os principais sistemas políticos no que se refere à notória distinção política conhecida simplesmente por **Esquerda** e **Direita**. Dois pontos se destacam imediatamente sobre essa distinção: ninguém consegue concordar com sua definição e, no entanto, ela nunca desaparece. No seu best-seller *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*, o italiano Norberto Bobbio tenta defender essa distinção e discutir sua importância, mas as definições sugeridas por ele sofreram firme resistência. O que acontece que Esquerda e Direita não desaparecem – elas desafiam qualquer definição – e, afinal, o que significam? E é realmente possível integrá-las? No final das contas, como unir Esquerda e Direita profunda e totalmente? Será que conseguiremos?

“Bobbio define a **Esquerda** como acreditando na **igualdade** e a **Direita** como acreditando na **desigualdade** ou **diferença**. Mas eis uma lista, reconhecida por Bobbio, de todas as principais formas de definição de Esquerda e Direita apresentadas por teorizadores e estudiosos sérios das últimas três décadas:

Esquerda	Direita
<i>igualdade</i>	<i>diferença</i>
<i>secular</i>	<i>religiosa</i>
<i>moderna</i>	<i>tradicional</i>
<i>liberdade</i>	<i>autoritarismo</i>
<i>progressista</i>	<i>conservadora</i>
<i>criação</i>	<i>natureza</i>
<i>profana</i>	<i>sagrada</i>
<i>democrática</i>	<i>teocrática</i>
<i>emancipação</i>	<i>tradição</i>
<i>igualitária</i>	<i>hierárquica</i>
<i>pós-convencional</i>	<i>convencional</i>
<i>futuro</i>	<i>passado</i>
<i>materialista</i>	<i>espiritualista</i>
<i>autônoma</i>	<i>conformista</i>
<i>desencantada</i>	<i>numinosa</i>
<i>sem significado</i>	<i>rica em valores</i>
<i>individualista</i>	<i>autoritária</i>
<i>coletivista</i>	<i>libertária</i>
<i>libertária</i>	<i>conformista</i>

“A questão é: como podemos explicar a existência dessa lista? Muitos tentaram. Mas usando AQAL, talvez fique evidente o que está acontecendo aqui. Cada uma dessas diferentes definições tem algum elemento de verdade, mas fundamenta-se apenas em *uma* das escalas maiores (e, ocasionalmente, em uma escala menor). É por isso que achamos que as distinções entre essas duas colunas (Esquerda e Direita) não desaparecerão: as duas colunas são baseadas nos dois polos de vários eixos ou, às vezes, de várias altitudes, e nenhum deles desaparece porque fazem parte da matriz AQAL! Portanto, ambas as colunas, e o que elas representam, precisam ser incluídas, não excluídas! **O ponto não é uma coluna contra a outra!** Se vocês se definem como Esquerda ou Direita, uma coisa é certa: vocês não são Integrais. Se vocês acham que uma dessas colunas está correta e a outra está errada, parabéns, vocês estão na primeira camada e são completamente não Integrais. O ponto fundamental é que uma política genuinamente viável teria de incluir ambas as colunas! Como fazer isso sem se contradizer é uma grande conquista da Política Integral.

“Mas o segundo ponto é que, na verdade, ninguém pode concordar com a definição *efetiva* de Esquerda e Direita, porque nessas colunas existem, por assim dizer, pelo menos *três diferentes definições* de Esquerda e Direita, dependendo do *eixo* que, implicitamente, está sendo usado. Incluam *altitude* ou *níveis* de Esquerda e Direita, e a confusão está formada.¹¹

“Progressista/conservador é uma definição óbvia de Esquerda/Direita e, de fato, é frequentemente usada: a Esquerda é progressista, a Direita é conservadora. Mas há muitos casos, como observamos, de ‘Republicanos progressistas’ ou ‘Democratas conservadores’, de modo que não é uma definição totalmente viável, embora seja usada com frequência e esteja razoavelmente correta quando empregada.

“Outra definição que tem sido frequentemente usada é supremacia individual versus supremacia coletiva, com a Esquerda defendendo os direitos humanos sobre os direitos republicanos ou virtudes cívicas (precisamente porque a república, frequentemente, aprovou a escravidão, o sexismo, etc.). Mas a Esquerda pós-moderna identificou-se claramente com o igualitarismo coletivista sobre os direitos individuais. Os direitos individuais praticamente desapareceram no pensamento e na lei pós-modernos. Somente um indivíduo que pertença a uma minoria terá alguns direitos que não podem ser facilmente denegados, e isto por causa da supremacia coletivista ou de classe.

“E é por isso que, se quisermos escolher um dos três eixos que *mais frequentemente e de forma consistente* é identificado com a Esquerda/Direita, **ele será o eixo internalista/externalista**. Praticamente todas as escolas da Esquerda – incluindo a nova Esquerda, a velha Esquerda e tudo entre elas – acreditam em alguma forma de *causação externa* para o sofrimento humano. O que quer que lhe aconteça, não é culpa sua! É culpa da sociedade. Como curar isso é outra história. Mas, para a Esquerda, a causa é clara: é má criação, não má natureza, que causa o sofrimento humano. Da mesma forma, tanto a velha quanto a nova Direita acreditam na causa fundamentalmente interior do sofrimento humano, desde os valores familiares até a ética no trabalho, ou a falta deles. Portanto, se tivermos de escolher apenas uma, dizemos que a Esquerda é externalista e a Direita é internalista. Há também escolas progressistas e conservadoras, individualistas e coletivistas de Esquerda e Direita. (Para não mencionar os níveis de cada uma. No que diz respeito aos níveis, a postura-padrão simplista de dizer que a Direita é âmbar e a Esquerda é laranja não funciona de jeito nenhum, porque há pessoas neoconservadoras ou da nova Direita no laranja, e assim por diante. Com certeza, os níveis são importantes, e nós trataremos deles daqui a pouco, mas eles não definem adequadamente Esquerda e Direita.)

“Curiosamente, embora Bobbio equipare Esquerda/Direita a igualdade/diferença, ele, inadvertidamente, apresenta a definição externalista/internalista (como criação/natureza) – que é a verdadeira definição de Esquerda e Direita – em vários lugares (isto é, ele explica que a Esquerda

¹¹ Como veremos mais detalhadamente depois, se vocês usarem o eixo progressista/conservador, a Esquerda é **progressista** e a Direita é **conservadora**; se você usarem o eixo individual/coletivo, a Esquerda é **individual** e a Direita é **coletiva** (e a nova Esquerda, pós-moderna, é **coletiva** e a nova Direita, Republicanos de Wall Street, é **individual**); se vocês usarem níveis, a Esquerda tradicional é **laranja** (e a nova Esquerda é **verde**) e a velha Direita ou tradicionalista é **âmbar** (e a nova Direita é **laranja**); e se vocês usarem o eixo interno/externo, a Esquerda é **externalista** e a Direita é **internalista**. E assim por diante com os eixos menores. **Somente a definição interno/externo se aplica a praticamente todas as escolas de Esquerda e Direita** (com a Esquerda sendo externalista e a Direita, internalista), e esse é o primeiro ponto importante, já que AQAL consegue definir Esquerda e Direita onde as tentativas anteriores falharam amplamente. Mas, claro, queremos usar todos os eixos maiores e menores para definir e indexar cada escola particular – e buscar uma maneira de integrar todas elas na teoria e na prática, se quisermos encontrar uma consciência política genuinamente integral – e esse é o principal objetivo e pretensão da Política Integral.

acredita que as pessoas nascem iguais e que más instituições sociais e a má criação causam todos os problemas – somos desiguais por causa da criação, não da natureza; a Direita acredita que as pessoas não nascem iguais, mas sim com diferentes tipos e graus de talentos e, além disso, deve-se permitir que elas desenvolvam essas diferenças e não sejam homogeneizadas com uma falsa igualdade – somos desiguais por causa da natureza, não meramente por causa da criação. Desse modo, a Esquerda coloca a culpa e a cura na criação externa, enquanto a Direita as coloca na natureza interna: a Direita acredita que a própria natureza equipa cada um de nós de forma diferente, de modo que é algo em nossa natureza que causa a desigualdade e mais, que a desigualdade não é necessariamente uma coisa ruim a ser exterminada; na verdade, permitir que esses diferentes talentos atuem será mais útil tanto para os indivíduos quanto para a sociedade).

“Aqui está um exemplo revelador de Bobbio usando a distinção natureza/criação, onde ele escolhe Rousseau como o Esquerdista arquetípico e Nietzsche como o Direitista arquetípico. Ambas as escolhas são reveladoras, no sentido de que **Rousseau**, independentemente do que mais ele seja, é um defensor de ideias que emanam da falácia pré/pós (ele realmente pensa que egocentrismo pré-convencional e autonomia pós-convencional são a mesma coisa – elevando o magenta/vermelho a turquesa) e, assim, tornando-se o **Retroromântico** arquetípico, que confunde regressão com progressão, e, portanto, tudo do Terror à Revolução Cultural Maoista paira sob sua bandeira, com mais cabeças sendo cortadas em nome de compaixão igualitária do que poder-se-ia imaginar que uma guilhotina conseguisse). E **Nietzsche** também é uma escolha notável, porque ele igualmente representa (pelo menos a este respeito) um teorizador de primeira camada (e, portanto, fragmentado), um que também é pego em profundas falácias pré/trans (confundindo poder vermelho com empoderamento turquesa) e, assim, sob sua bandeira, desfilariam todos os **fascistas** até Hitler. Adequadamente ou não, Nietzsche, com frequência, extrai esses sentimentos das pessoas. Para Rousseau, os humanos nascem iguais em toda parte e acabam escravizados. Para Nietzsche, os humanos nascem com quantidades desiguais de talentos e excelência, que acabam sendo nivelados em uniforme mediocridade. Não é óbvio que ambos estão meio certos e meio errados, e que apenas uma abordagem Integral poderia considerar as metades corretas e alijar as confusões? Porque se não fizermos isso, os Hitlers da Extrema Direita e os Stalins da Extrema Esquerda continuarão governando; não se enganem: isto é *absolutamente garantido*.

“Mas eis a citação, uma das quais onde Bobbio, inadvertidamente, aponta a característica mais determinante de Esquerda e Direita, ou seja, a primeira vê externo/criação como a causa primária do sofrimento, e a última, interno/natureza:”

O contraste entre Rousseau e Nietzsche reflete-se na atitude que eles adotam para a naturalidade e artificialidade da igualdade e desigualdade. Em seu *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, Rousseau argumenta, a partir da premissa de que os homens nascem iguais, mas são tornados desiguais pela sociedade civil, que é a sociedade que lentamente se impõe sobre o estado de natureza por meio do desenvolvimento da divisão do trabalho. Por outro lado, Nietzsche trabalha com a premissa de que os homens nascem naturalmente desiguais (e isso é bom porque, entre outras coisas, uma sociedade fundada na escravidão, como a Grécia antiga, era altamente desenvolvida precisamente porque tinha escravos), e que apenas uma sociedade com uma moralidade de rebanho e uma religião baseada na... submissão [por exemplo, o Cristianismo] poderia torná-los [falsamente] iguais. A mesma degeneração que criou a desigualdade para Rousseau criou a igualdade para Nietzsche. Assim como Rousseau via a desigualdade como artificial [criada apenas pelos humanos] e, portanto, a ser condenada e abolida por contradizer a igualdade fundamental da natureza, Nietzsche via a igualdade como artificial [criada apenas por humanos] e, portanto, a ser abominada por contradizer a benéfica desigualdade [ou seja, a excelência de realizadores e vencedores sobre perdedores] que a natureza desejava para a humanidade. O contraste não poderia ser mais acentuado: o igualitário [Esquerda] condena a

desigualdade social em nome da igualdade natural e o anti-igualitário [Direita] condena a igualdade social em nome da desigualdade natural.

“O contraste não poderia ser mais acentuado. Caramba! Aqueles que abraçam a Esquerda e aqueles que abraçam a Direita contribuem para a brutalidade da dimensão política!

“E ambos foram incapazes de criar um benefício político emancipatório, não importa quanto a Esquerda julgue ter feito isso. O que significa que tanto a Esquerda quanto a Direita estão condenadas a criar estados de guerra de um tipo ou outro – cultural, econômico, físico, emocional – porque ambas são fatias deploravelmente parciais de uma torta cósmica¹² bem maior.

“As pessoas estão famintas”, Margaret sussurra com gentil intensidade, “famintas pela torta cósmica”.

“Famintas? Por torta? Torta é muito legal, torta no céu e torta na terra, torta para cada um e torta para todos. De maçã, de nozes... Excelente ponto, Dra. Carlson.”

Margaret já está acostumada com minha tagarelice idiota e educadamente a contém, cavalheirismo de dama com um rapaz claramente incapaz de elaborar algo – embora, quando ela presta atenção em Lesa, logo se transforma na mesma forma triste, lá no fundo de uma vaga infinitude – eu sei, eu a vi lá.

“Os movimentos políticos, Ken. Os movimentos. Esquerda e Direita não vão longe, como Lesa está explicando, porque a matriz AQAL é a estrutura de cada momento, e *Esquerda e Direita representam dimensões desse momento*” – ela diz isso com ênfase sussurrada – “dimensões que se tornaram particularmente autoconscientes no laranja, mas que estão presentes em todos os níveis. E o mais importante de tudo, temos de aprender a integrá-las, torná-las um sabor único de uma torta cósmica completa.”

“Sim, sim, eu sei disso. Não odeie, integre e... torta para todo mundo.” Jesus! Eu tenho de me controlar. Kim se inclina e, acidentalmente, encosta-se em mim; e lá vem a multidão de ratos subindo e descendo na minha espinha...

“Voltaremos a essa torta cósmica integral daqui a pouco. Mas a distinção Esquerda/Direita é tão importante, que quero concluí-la. Ela ainda define nossas vidas de muitas formas, e é uma divisão que está nos matando, literalmente. Temos que entendê-la, perceber que ela não vai desaparecer e conseguir descobrir como transcender-e-incluir suas parcialidades em um abraço maior, mais seguro e mais sábio.”

Eu estava tentando prestar atenção no que Lesa estava dizendo – afinal, ela era minha professora favorita no Centro Integral – depois do Mark. Hum... depois da Joan. Bem, não importa, Lesa... Meu corpo começou a se afastar lentamente dos rançosos ratos eróticos em direção ao relâmpago da claridade de Lesa. Eu sabia o que estava por vir, eu já tinha ouvido isso antes e o público estava prestes a ser atingido por uma arma de eletrochoque bem no meio de seus olhos do meme verde. Essa mulher negra e lésbica estava prestes a fazer uma defesa chocante do implacável patriarcado do homem branco.

¹² Proveniente de *Kosmos*. No livro *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*, Wilber apresenta esta palavra da seguinte forma: “Os Pitagóricos apresentaram o termo ‘Kosmos’ que, normalmente, traduzimos por ‘cosmos’. Mas o significado original de Kosmos era a natureza ou processo padronizado de todos os domínios da existência, da matéria à matemática ao sagrado, e não meramente o universo físico, o que geralmente os termos “cosmos” e “universo” significam hoje... O Kosmos contém o cosmos (a fisiosfera), a vida (a biosfera), a mente (a noosfera) e o sagrado (a teosfera ou domínio divino).” (N.T.)

“Muito bem, meus amigos. Acabamos de ver que se vocês tiverem de escolher apenas um eixo ou escala, ou uma definição, que mais caracterize a distinção Direita/Esquerda, será o eixo interno/externo (natureza/criação). E meu segundo ponto é que, se o **eixo interno/externo** é a única definição viável de Esquerda/Direita, a escala de níveis é certamente uma das mais proeminentes – portanto, fica claro que para dar o endereço cósmico completo de qualquer movimento político, vocês desejarão incluir níveis (bem, obviamente vocês desejarão incluir o maior número possível de escalas maiores e menores). E, de fato, a **Esquerda** tem sido mais identificada com o **laranja** e a **Direita**, mais identificada com o **âmbar**.

“E isso é verdade: a maioria das pessoas laranja é Esquerdista e a maioria das pessoas âmbar é Direitista. (Porém, como observado, isso não funciona como uma definição completa, mas identifica a maioria demográfica; por isso, para muitos fins, essa definição, **Esquerda=laranja** e **Direita=âmbar**, funciona relativamente bem, razão pela qual **Esquerda=moderno** e **Direita=tradicional** também é uma definição muito comum, como vocês podem ver nas duas colunas anteriormente apresentadas. Porém, ela é tecnicamente incorreta de maneira sutil; portanto, tenham cuidado ao usá-la. Em especial, notem que, quando o verde se desenvolveu, a Nova Esquerda adotou valores pós-liberais, até mesmo valores antiliberais, e esse movimento progressista multicultural, radicalmente igualitário, ancorado na política de identidade, veio a definir o rosto da Nova Esquerda – e, muitas vezes, sob formas bem extremistas.) Mas, de fato, historicamente, o aspecto que mais define a distinção Esquerda/Direita é que a Esquerda é laranja, a Direita é âmbar. Portanto, vamos dar uma olhada nisso, usando o Código AQAL para acompanhar o que está acontecendo, concentrando-nos agora na **escala de níveis**.

“A distinção entre Esquerda e Direita, como é bem conhecido, foi usada pela primeira vez na Assembleia Nacional Francesa de 1879, onde o contingente ‘moderno’ sentava-se à esquerda do corredor e o contingente ‘tradicional’ sentava-se à direita. A Esquerda original ou clássica foi definida como representante de *liberté, égalité, fraternité* – ou liberdade/independência, igualdade e fraternidade/solidariedade (**na altitude laranja**). Isto é, usando nossas **quatro escalas maiores** para indexar o Iluminismo: ele era laranja/mundicêntrico (quanto a níveis, # 4); externalista (# 1); progressista (# 2); e, quando se trata da escala restante, a individual/coletivo (# 3), aqui encontramos a famosa contradição do liberalismo – porque ele é **individualista** no que diz respeito a liberdade ou independência, mas **coletivista** quando se refere a igualdade e fraternidade. (Esta é uma contradição porque não podemos ter ao mesmo tempo liberdade e igualdade: cada uma delas exige a restrição da outra. Alex de Tocqueville foi, provavelmente, o primeiro grande teorizador a salientar que se pode ter liberdade ou igualdade, mas não ambas; a menos que nós as reposicionemos em um contexto AQAL.)

“Mas o ponto que estamos focando agora é que, enquanto o Iluminismo (e o nascimento da Esquerda) foi, de fato, **progressista** (representando a transformação para o laranja sobre a translação/conservadorismo do âmbar) e **externalista** (instituições sociais e má criação, não má natureza, são as causas do sofrimento da espécie humana), todos esses aspectos foram colocados em um contexto *pós-convencional, mundicêntrico, universal* (o **nível laranja**), e isso é absolutamente crucial. Foram *Os Direitos Universais do Homem*, e não os direitos deste ou daquele homem, desta ou daquela mulher, desta ou daquela religião, deste ou daquele sexo, desta ou daquela crença, desta ou daquela cor de pele – e é por isso que o **Iluminismo laranja** – criado principalmente por indivíduos do sexo masculino, brancos, europeus, patriarcais, racional-analíticos, newtoniano-cartesianos – **reduziu mais sofrimento, criou mais liberdade, libertou mais minorias oprimidas e fez mais pelo avanço da causa da autodeterminação, respeito, liberdade e dignidade humana do que qualquer outro movimento da história humana, sem exceção, e com a mais ampla margem imaginável**. Como apenas um exemplo, as sociedades modernas, laranja, racional-industriais foram as primeiras

sociedades a abolirem completamente a escravidão. Todas as estruturas sociais da história humana – incluindo forrageamento, caça e coleta, marítima, pastoril, hortícola e agrária – tiveram escravidão até o Iluminismo moderno, de Esquerda, ocidental, laranja. Em um período de 100 anos, de cerca de 1770 a 1870, toda sociedade racional-industrial do planeta aboliu a escravidão humana. Assim, comecem pelo fim da escravidão ao redor do mundo quando quiserem julgar o que é tão desdenhosamente chamado de patriarcado ou modernidade, e tentem trabalhar suas profundas confusões quanto a algo que se assemelhe à realidade.”

Lesá serpava descontroladamente, fervendo sobre o chão, aparentemente alguns centímetros acima dele, impulsionada por um tipo de descarga da sobremente em uma estrutura humana tão marginalizada e hipersensível a “algo que se assemelhe à realidade”, sem mencionar o fato de ser também discriminada; e sendo de segunda camada (no mínimo), ela não se atinha a nenhuma das típicas soluções dualistas – matriarcado versus patriarcado, modernidade versus tradicionalismo, Esquerda versus Direita e assim por diante, conforme a lista de polaridades e dualidades divisoras que, literalmente, marcaram todas as culturas desde o alvorecer da espécie humana. Ela não iria verter sua alma em outro molde fragmentado de Esquerda versus Direita ou Nova Esquerda versus todo mundo – que ela via apenas como uma nova *Iron Maiden* cultural – para, em seguida, vender essa “Donzela de Ferro” às massas, com feroz convicção, em uma tentativa de convencer os outros a se juntar a ela nessa nova forma de escravidão mental, emocional e cultural.

“Então, essa é uma das maiores realizações do patriarcado masculino – e da Esquerda laranja – e, a propósito, também pôs em ação as correntes que criaram o feminismo e o multiculturalismo.¹³ Parabéns aos finados homens brancos!”

Lesá disse isso com um leve grito; olhando para sua radiante pele de obsidiana e, em seguida, encarando o público, deu o mais doce sorriso de suave satisfação, antes de voltar a seu fogo cerrado. A plateia estava muito atordoada para responder, e Lesá não parecia se importar. Mas eu havia aprendido isso há muito tempo: de todas as coisas que nós, estudantes, fomos instruídos a culpar o Iluminismo ocidental laranja, na verdade *a maioria de itens que pertenciam a sociedades tradicionais âmbar*, orientais e ocidentais, incluindo **hierarquias sociais, sistemas de castas, autoritarismo, sexismo e escravidão** – nenhum deles surgidos com o Iluminismo laranja e, muito menos, definidores dele. Na verdade, foi quase exatamente o oposto, **porque o discurso da modernidade, ou o discurso do Iluminismo, começou a reverter ou acabar com todos eles**. No entanto, pela ironia mais selvagem do último meio século, o início da cura desses horrores sociais, ou seja, o Iluminismo

¹³ O “patriarcado” é outro importante conceito que produz seu útil significado somente em um contexto AQAL. As feministas têm discutido incessantemente sobre o início do patriarcado – começa na modernidade, ou na era agrária, ou volta aos primórdios do *Homo sapiens*, com todos os homens em toda parte sempre oprimindo as mulheres? A visão “homens são porcos” e “mulheres são ovelhas” é difícil de acreditar, sem mencionar que torna o próprio feminismo impossível. Além disso, as feministas nunca deram uma definição convincente de patriarcado. A maioria das definições é redundante ou tautológica e se resume a não muito mais do que “no patriarcado, todos os pênis são de propriedade dos homens”.

Voltando aos primórdios, AQAL vê diferenças em tipos (porque há diferenças significativas entre machos e fêmeas no Quadrante Superior Direito), com esses tipos modificados tanto pelos sistemas sociais (Quadrante Inferior Direito) quanto por visões de mundo (Quadrante Inferior Esquerdo), mas com ganhos crescentes em tipos de liberdade em cada grande transformação, de forma que o Iluminismo ocidental não foi o começo do patriarcado, nem o seu ápice, mas a sociedade menos patriarcal, relativamente falando, surgida antes do pós-modernismo, razão pela qual o Iluminismo também trouxe consigo a libertação de escravos e a ascensão do feminismo. Tudo isso é tratado no capítulo 8, “Feminismo Integral”, do livro *O Olho do Espírito*, que também inclui o que seria um feminismo verdadeiramente Integral (todos os quadrantes, todos os níveis).

ocidental, foi mal interpretado e considerado como sendo a **causa**. A educação *boomerítica* é uma coisa incrível, não é mesmo?

Eu me inclinei e sussurrei para Margaret: “o que Lesa acabou de falar poderia fazer com que ela fosse expulsa de Harvard, não é? Refiro-me aos ‘finados homens brancos’. Isso seria pior do que quando o recente Presidente de Harvard foi demitido porque ousou mencionar diferenças biológicas entre os sexos.”

“Com certeza”, Margaret sussurrou de volta. “De fato, foi exatamente o que aconteceu com o Presidente de Harvard, embora pelo menos Steven Pinker tenha dado uma resposta decente de segunda camada para o feminismo dogmático que conseguiu a demissão dele. Felizmente, o Centro Integral, tecnicamente, não faz parte de Harvard. Mas Harvard hoje é basicamente uma Harvard verde, sem dúvida – mais de 95% de sua turma de formandos graduou-se com honras! – assim ‘graduar-se com honras’ perdeu totalmente o sentido sob a inflação verde das notas. De qualquer forma, o patriarcado masculino moderno não só é o responsável por criar todas as coisas positivas que Lesa mencionou – inclusive o feminismo – como também o problema real do mundo moderno não é o paradigma newtoniano-cartesiano, mecanicista e racional, mas o fato de que a maioria das pessoas não consegue se capacitar para usar o paradigma newtoniano-cartesiano! Diacho! 70% dos habitantes do planeta ainda não conseguem atingir o laranja – **a pesquisa demográfica mostra, consistentemente, que pelo menos 70% da população mundial está no âmbar etnocêntrico ou abaixo**, e esse é o maior problema do mundo moderno: a maior parte dele ainda é pré-moderna. Claro que existem níveis mais elevados do que o laranja, mas, primeiro, você tem de chegar até ele.”

Margaret parecia ter despertado de sua imersão sonhadora em Lesa e, então, sussurrou com alguma urgência: “Na luta contra o laranja e o Iluminismo laranja, o pós-modernismo verde contribuiu diretamente para o **triunfo do âmbar** – particularmente, o fundamentalismo âmbar, a teologia mítica âmbar, o fascismo âmbar, o sexismo âmbar e o racismo âmbar. Você sabe qual é o maior problema que o Ocidente enfrenta, de acordo com uma pesquisa de opinião entre todos os professores do Centro Integral?

“O maior problema foi declarado da seguinte maneira: **quando o verde ataca o laranja, o âmbar ganha**. E acredite em mim, o âmbar está ganhando, é só perguntar a Karl Rove. Apesar de uma vitória democrata aqui e ali, as fileiras de eleitores deslocaram-se para o âmbar, inequivocamente e com força. Tudo isso graças aos gostos da Harvard verde que, finalmente, conseguiu desconstruir até seus próprios desconstrutivistas. Uma reportagem de capa da revista *Time* recentemente perguntou: **Harvard é necessária?** A resposta foi não, não é. Qualquer escola é a melhor escola, se for boa para mim. E assim vamos nós. Todos que estão em Harvard poderiam muito bem estar na *Kansas State University*; não há diferença entre elas; isto seria uma terrível classificação. Claro, os críticos verdes pós-modernos não percebem o que eles fizeram de fato sob a bandeira de *boomerite*; eles morreriam ao ver os resultados reais de suas ações, ao ver que, ao desconstruir o laranja, o âmbar agora está ganhando, não sendo apenas uma maioria da população, mas a maioria do sistema de governo, revertendo os ganhos da democracia representativa sob a égide da Esquerda liberal do Iluminismo. Mas aí está: quando o verde ataca o laranja, o âmbar ganha.

“Então, retornemos ao ponto histórico sobre os níveis de consciência e seu impacto na política”, continuou Lesa, com Margaret parecendo pairar de volta a uma abstração sonhadora. “Todas as definições de Esquerda na lista de duas colunas apresentada anteriormente – que apontam para algum tipo de **justiça, liberdade e emancipação** – são ecos dessa transformação historicamente monumental do âmbar para o laranja, e do preconceito **etnocêntrico** para a justiça **mundicêntrica**, que tal transformação implica e exige. **É definitivamente verdade: a Esquerda em geral – como vocês**

podem ver nessa lista de duas colunas – está de alguma forma lutando, de um nível mais alto ou de um conjunto de perspectivas mais elevado (mundicêntrico de 3ª-pessoa e não apenas etnocêntrico de 2ª-pessoa) por ser mais sério, mais justo, mais correto, mais emancipatório, mais libertador e mais transformador – vocês encontram muitas dessas palavras na lista – e essa verdade provém do fato de que sua origem histórica foi fundamentada apenas nessa mudança de níveis de consciência e cuidado, da tradição etnocêntrica para a emancipação mundicêntrica. (Visto em tudo, desde a libertação de escravos, a fundação do movimento feminista, até tornar os intocáveis tocáveis.) O verde levou isso adiante, e o turquesa continuará a fazê-lo além dele, todos consecutivamente surfando a onda mais progressista de um Eros que não será engabelado! (Junto com um Ágape que, por meio de uma compaixão sempre crescente e de um abraço cada vez mais amoroso, não será negado!)

“Claro que, como observado, as coisas se complicaram quando o verde realmente emergiu isolado em uma grande porcentagem da população (cerca de 20%), na década de 1960, porque se vocês tivessem uma tendência **progressista** e **externalista** inclinada para o verde – e, portanto, se pertencessem à Esquerda verde, qualquer que seja o nome (e.g., socialista pós-moderna) – *vocês discordariam fortemente da Esquerda liberal (antiga) laranja, especialmente porque o verde despreza completamente o laranja em geral (e, assim, a Esquerda verde despreza a Esquerda laranja)*. Mas ambas são, acima de tudo, **externalistas** e, portanto, ainda são **de Esquerda**, como compreendem vagamente, mas não gostam de admitir e, em geral, tentam negar, sem sucesso. Como pós-modernistas, vocês reconhecem algumas estranhas afinidades com a velha Esquerda – porque **as duas são externalistas** – mas, por outro lado, vocês praticamente se detestam, porque diferem tanto em muitos outros eixos, sem mencionar altitudes.

“Em outras palavras, o surgimento do verde – e o simples fato de que a evolução continua de qualquer modo – significa que cada partido tem agora duas alas principais (juntamente com outras secundárias).

“As alas principais são devidas ao fato de que, originalmente, havia, basicamente, apenas âmbar e laranja, com a Direita sustentada pelo âmbar e a Esquerda sustentada pelo laranja. Mas à medida que ambas as populações continuaram a crescer e evoluir, partes da Direita âmbar transferiram-se para o laranja, e partes da Esquerda laranja transferiram-se para o verde – dando-nos uma Direita âmbar e laranja e uma Esquerda laranja e verde. E, sendo todas de primeira camada, nenhuma delas se relaciona muito bem com as outras. Essa é a tensão que, na América por exemplo, aparece como os dois principais partidos políticos, cada um tendo que lidar com uma divisão interna entre suas duas alas principais e tentar unificá-las: Os Republicanos têm de se esforçar para unificar sua antiga facção com valores, fundamentalistas, baseados na Bíblia, patriarcais, militaristas e tradicionais (âmbar) a sua nova facção moderna, de Wall Street, progressista, libertária tipo Ayn Rand (laranja). E os Democratas têm de lutar para unificar sua antiga facção, moderna, iluminista, libertária e individualista (laranja) a sua nova facção, pós-moderna, pluralista, sensível, cuidadosa, multicultural, pós-colonial (verde). E acreditem, é mais fácil juntar o âmbar e o laranja do que unir o laranja e o verde, razão pela qual os Republicanos continuarão a superar os Democratas até que os Democratas tirem suas cabeças do buraco e parem de permitir que sua facção verde ataque e desconstrua sua própria facção laranja (é por isso que seus candidatos andam para frente e para trás: laranja um dia, verde no dia seguinte, laranja no outro dia e depois verde no próximo, *ad nauseam*). Este é um momento sombrio para a Esquerda em geral, especialmente por causa de sua facção do meme verde mau (MVM), que lidera a desconstrução interna. A única esperança é que uma parcela significativa da Esquerda salte para o hiperespaço Integral de segunda camada (*teal*/turquesa) e consiga integrar o verde e o laranja (sem mencionar o restante da primeira camada) – de novo, mais sobre essa batalha que está ocorrendo agora na Esquerda, mais tarde.

“Nosso ponto fundamental aqui é que, historicamente, durante o Iluminismo e no seu entorno, a Esquerda era laranja e a Direita era âmbar, *e essas altitudes históricas originais (e os respectivos valores de cada uma) representam quase metade das definições das colunas da lista apresentada*. Em outras palavras, a distinção Esquerda/Direita, *como normalmente utilizada*, não é apenas uma diferença na polaridade horizontal em um *determinado nível* (ou seja, em qualquer um dos três eixos maiores e, em especial, no eixo internalista/externalista), mas é também – ou originou-se de – uma *diferença de níveis*, à medida que os valores laranja surgiram e começaram a se diferenciar dos valores tradicionais âmbar prévios: se vocês fossem laranja quase certamente seriam de Esquerda, e se âmbar, de Direita. Observem a lista dada, e você poderão ver quantas dessas definições derivam da altitude: o laranja tende a ser **secular** em vez de **religioso**; **moderno** em vez de **tradicional**; **democrático** em vez de **teocrático**; **individualista** e **autônomo** (em termos de liberdade/emancipação) em vez de **conformista** e **mentalidade de rebanho**; **coletivista** (em termos de fraternidade ou solidariedade) em vez de **autoritário**; e **igualitário** em vez de **hierárquico**.

“Todos os três eixos (interno/externo, individual/coletivo, progressista/conservador) obtêm seu conteúdo de valor de sua altitude (ou nível), e isso significa: a Esquerda revolucionária original era essencialmente laranja; e a Direita daquela época era essencialmente âmbar. (As coisas que elas tinham mais em comum depois da altitude eram: a Esquerda era externalista, a Direita era internalista; a Esquerda era progressista, a Direita, conservadora; a Esquerda era individualista, a Direita, coletivista – embora, como temos enfatizado, o eixo interno/externo seja a única definição constante que se manteve ao longo do tempo, até hoje.)”

Pergunta de um repórter na plateia, um dos poucos ainda acordados – embora esses poucos parecessem não estar entendendo nada e estivessem cansados da crescente excitação (eles estavam começando a pensar não apenas sobre ontem ou hoje, mas sobre amanhã, e sobre alguns dos chocantes futuros que podem estar à nossa frente, e em breve):

“Então, isso é responsável por grande parte da mudança histórica entre alguns dos valores da Esquerda e da Direita? Muitas pessoas percebem que o que a Esquerda costumava representar, a Direita representa agora, e vice-versa. Isto se deve principalmente à altitude?”

“Sim. Já comentamos que alguns dos valores historicamente associados à Esquerda e à Direita mudaram – mais ou menos em variações da Nova Esquerda e Nova Direita – e isso reflete a mudança de altitude a que elas foram submetidas ao longo da evolução dos últimos três séculos. **A identificação com o eixo maior permanece a mesma (a Esquerda ainda é externalista, a Direita ainda é internalista)**, mas os valores que representam podem mudar e mudaram. Com o surgimento de um nível de consciência inteiramente novo – o verde – a Esquerda/Direita original como laranja/âmbar realmente se dividiu em ambos os lados, porque agora podemos ter **a velha e a nova Esquerda e a velha e a nova Direita**.

“Desse modo, cada partido agora tem duas alas principais, que começamos a explorar. Na velha Direita estão os fundamentalistas âmbar, bem etnocêntricos, militaristas, patriarcais, sexistas, racistas e assim por diante – sinto muito, mas eles são assim – e não se preocupam em ofendê-los, eles se orgulham desse fato, porque a Bíblia lhes diz isso. Mas a nova Direita são os libertários e neoconservadores laranja, os Republicanos de Wall Street e de Ayn Rand, que, ironicamente, defendem muitos dos valores do Iluminismo laranja que a velha Direita costumava odiar. E, como comentamos, a Esquerda, simultaneamente e pelas mesmas razões evolutivas, agora também tem duas alas: a velha Esquerda compartilha muitos valores com a nova Direita – porque ambas estão na altitude laranja (embora, claro, a primeira seja externalista e a última, internalista, razão pela qual elas discordam furiosamente). E a nova Esquerda (pós-moderna) odeia as duas.”

Repórter: “Portanto, a velha Esquerda é laranja, a nova Esquerda é verde. A velha Direita é âmbar, a nova Direita é laranja. Daí muitas das irônicas mudanças de valores desses dois partidos fundamentais.”¹⁴

“Correto.”

“Eu sempre me questioneei sobre isso.”

“Há outras razões quadráticas para isso, que também precisam ser consideradas, mas provavelmente o fator mais importante é, de fato, a altitude.” Lesa Powell ainda estava em fogo rápido, virtualmente concentrada em sua própria metralha, um modo que os alunos chamavam de “pauleira”. Ao meu lado, Margaret entrou naquela corrente intelectual, podia se sentir isso, e resvalou de si mesma para Lesa.

“Nosso ponto é que essas contradições e mudanças tiveram de vir de algum lugar, e elas provieram da pressão a cada momento da Matriz AQAL. Além disso, sem uma Estrutura Integral, essas dimensões reduzem sua experiência de formas menos que integrais, fato que a arena política até aqui demonstrou e incorporou amplamente. E por aí vai...”

E aqui, olhando para o relógio, Lesa estancou a pauleira e voltou abruptamente à terra. “Então, eu concluo enfatizando: **O ponto é que vocês podem usar a matriz AQAL para indexar, classificar e rastrear todos os principais movimentos políticos até o momento. Sem mencionar que podem começar a pensar sobre o que uma verdadeira Política Integral significaria, aqui e agora.**

“Oh, permitam-me comentar uma última coisa sobre uma das escalas menores – o papel minimalista/maximalista do Estado, ou o sistema de governança em geral – **a escala do Regulador** – e, depois, retiro-me e paro de incomodar vocês, pessoas legais, porque tudo isso é apenas um prelúdio para nossas reais novidades sobre uma Tetrassingularidade, que outros professores do Centro Integral apresentarão logo após; aguentem mais um pouco, amigos.

“O papel do Estado ou do Governante (em qualquer nível) é, em geral, no seu melhor – e devo enfatizar isto – *no seu melhor* – tentar representar e incorporar o papel da moralidade e da ética do nível superior recém-emerso, buscando superar a moralidade do nível mais baixo. Falando francamente, é o nível superior da minoria que impõe sua vanguarda à maioria – e o melhor exemplo disso talvez seja quando, nos anos 1960, o Estado, ou o Governo Federal, **impôs direitos civis e políticas éticas mundicêntricas** sobre parte da população etnocêntrica (âmbar) que tentava continuar a manter suas práticas discriminatórias e opressoras. Isso é o que a vanguarda do proletariado – *no seu melhor* – sempre foi; é disso que a emancipação laranja e os direitos civis verdes trataram. (E se pensam que os

¹⁴ “Eu joguei com alguns desses valores que mudam duplamente nos dois últimos itens da lista, como libertário. O Iluminismo laranja era individualista quando se tratava de liberdade e emancipação, e combatia poderosamente o conformismo e a mentalidade de rebanho. Foi, nesse sentido, libertário em muitos aspectos, enquanto o âmbar/Direita, em contraste, era coletivista. Com o surgimento da **nova Esquerda**, que é verde, decididamente coletivista e em geral estatista, a **nova Direita** mudou-se para o laranja, e é agora frequentemente libertária – os chamados Republicanos de Ayn Rand. Assim, o Iluminismo liberal/libertário, lar da Esquerda, é agora o lar da nova Direita, e valores libertários são mais frequentemente associados à nova Direita ou Neoconservadores – embora haja uma grande parte que seja liberal (externalista) em uma altitude mais elevada – e a nova Esquerda é mais frequentemente associada a orientações coletivistas, estatistas e anti-individualistas (ancoradas na política de identidade, que é a mais anti-individualista possível) – é por isso que, entre outras coisas, vemos a mudança histórica da Esquerda em geral que antes menosprezava a intervenção do Estado e agora a exige (**a escala do regulador**).”

Reis e Rainhas âmbar eram maus, vocês deveriam ter conhecido as tribos guerreiras vermelhas antes de eles forçarem sua unificação.) Em geral, o Regulador é o resultado de um ponto de inflexão de 10% da população, expressando-se em formas regulatórias, políticas e culturais, exatamente como deve ser.

“Mas, claro, se o Estado ou o Regulador, em seguida, tenta engendrar qualquer coisa mais do que isso, normalmente produz efeitos negativos, com certeza. O argumento fundamental para qualquer coisa como um mercado relativamente livre é que o mercado livre é um sistema massivamente complexo (e um mecanismo com feedback) que nunca pode ser entendido, muito menos controlado, pelo raciocínio e intervenção humana, que são apenas uma pequena parte desse sistema densamente maior. O sistema vivo mais amplo protege-se contra a engenharia social humana, que é bem obtusa para engendrar qualquer coisa orgânica, imensa e complexa como sociedades humanas. O mercado livre – *em seu melhor* – ajuda na proteção contra essa engenharia social. O mesmo argumento aplica-se à governança (Burke) e ao mercado (Hayek, Mises). São sistemas complexos que não podem ser controlados por meio da racionalidade linear humana, portanto, mantenham suas mãos longe deles tanto quanto possível, por favor.

“*No entanto*, o outro lado do argumento – a antítese da tese, as quais uma visão Integral aceita para uma síntese – é que, claro, há casos em que se precisa intervir, e engendrar tais sistemas deve ser tão integral quanto humanamente possível. Quanto menos integral, mais desastroso. Mas – e os políticos, por favor, lembrem-se disso, ao cumprir seu dever – simplesmente percebam que em todos os casos em que se intervém em questões humanas e se aprovam regulamentos em nome da compaixão, as chances são muito altas de que, em longo prazo, prejudiquem-se exatamente as pessoas que se tentava proteger.

“Esse é um enorme problema. No longo prazo elas serão prejudicadas porque, no *curto* prazo, há sempre políticos que ‘amam’ as pessoas, mas, na verdade, amam seu voto e, assim, estão dispostos a mentir para o povo agora – e causar-lhe danos no longo prazo – para se manter no poder. Portanto, por favor, tenham cuidado sobre como intervir em interações humanas complexas e tentar legisla-las, controlá-las, interferir nelas em nome da compaixão. Algum tipo de Terror está sempre à espreita. Por outro lado, como no caso do movimento dos direitos civis, às vezes a intervenção é a melhor e única coisa a ser feita pelo Estado – apenas certifiquem-se de que vocês estão realmente agindo dos mais elevados níveis de consciência disponíveis ou, quase certamente, inaugurarão um novo Terror...

“Mas esta é uma questão terrivelmente complexa, e tudo que realmente quero fazer é ressaltar que intervenção do Estado é outra variável, outra escala, que analisamos. Numa extremidade estão os anarquistas, que não querem absolutamente nenhum poder do Estado, e na outra estão os totalitaristas, que querem praticamente todos os aspectos das vidas pública e privada controlados pelo Estado. Quanto mais minimalista-anarquista se é, em geral também se é mais individualista, libertário, e até mesmo atomístico. E quanto mais maximalista ou totalitaristas, normalmente também se é mais coletivista. Mas, na verdade, elas são variáveis independentes (minimalista/maximalista e individualista/coletivista), porque se pode apoiar um Estado ativo para fazer valer direitos individuais e um Estado minimalista para se chegar a tipos de coletivismo (como as comunidades auto-organizadas). Mas todo hólon social tem um Regulador, ou o mecanismo que rege a ação-do-nexo, e esta escala mede o grau e tipo de atividade (ou a configuração AQAL) desse Regulador em qualquer teoria e prática políticas.”

“O fato simples é que”, conclui Lesa, e ela olha diretamente para Margaret, e depois para mim: “estamos em busca de uma nova política, de um novo movimento político, de uma nova geração de homens e mulheres que construam o futuro à medida que o desvelam. A onda integral de consciência

já está indo nessa direção, arrebatando na praia, surgindo gloriosamente, gostemos ou não. A questão é: vamos ter coragem de pegar a prancha de uma política integral e surfar essa onda?

“Sim? Não? Como será, meus amigos?”

“*Vocês* decidem. Aqui, agora, é com vocês. E então, o que vocês vão fazer – o que devemos fazer juntos – meus queridos amigos dessa nova cultura emergente?”

EXPANDA SUA MENTE. PROSPERE PARA A VIDA.

Estão ocorrendo mudanças sísmicas no século XXI, e para prosperar, você precisa não apenas entender melhor seu mundo, mas também expandir sua mente e desenvolver habilidades internas que irão ajudá-lo a liberar todo o seu impacto. Você pode fazer isso juntando-se a *Integral Life* (<https://integrallife.com/>), onde Ken Wilber e outros especialistas transformacionais proverão os princípios, perspectivas e práticas, que representam a vanguarda do desenvolvimento pessoal avançado, encaminhando-os diretamente para seu e-mail semanalmente.

Apêndice A

A Espiral do Desenvolvimento

(Excertos do livro *Psicologia Integral* de Ken Wilber)

Clare Graves foi um dos primeiros (juntamente com James Mark Baldwin, John Dewey e Abraham Maslow) a considerar um esquema desenvolvimentista e mostrar sua extraordinária aplicabilidade numa ampla gama de atividades, em negócios, no governo, em educação.

O trabalho de Graves foi retomado e ampliado significativamente por Don Beck. *Spiral Dynamics*, escrito com seu colega Christopher Cowan (eles fundaram o *National Values Center*), é uma magistral aplicação de princípios desenvolvimentistas em geral (e de princípios de Graves em particular) para um vasto leque de problemas socioculturais. Longe de serem analistas de escritório, Beck e Cowan participaram das discussões que culminaram com o fim do *apartheid* na África do Sul (e depois prosseguiram, usando os mesmos princípios, montando a estratégia de “corações e mentes” da equipe de *rugby* sul-africana, que venceu a Copa do Mundo de 1995). Os princípios da Espiral do Desenvolvimento foram aplicados frutiferamente para reorganizar negócios, revitalizar comunidades, reformar sistemas educacionais e apagar o estopim de tensões internas em cidades.

A situação na África do Sul é um excelente exemplo de como o conceito de níveis de desenvolvimento (cada um com sua própria visão de mundo, valores e necessidades) pode realmente reduzir, e mesmo suavizar, tensões sociais, e não exacerbar-las. A Espiral do Desenvolvimento vê o desenvolvimento humano segundo oito níveis de consciência ou estruturas profundas: *instintivo* (urobórico), *animista/tribal* (tifônico-mágico), *deuses de poder* (mágico-mítico), *absolutista/religioso* (mítico), *individualista/conquistador* (racional-egoico), *relativista* (visão-lógica inferior), *sistemático/integrativo* (visão-lógica média) e *global/holístico* (visão-lógica superior)¹⁵. Não são níveis rígidos, mas ondas fluidas que se sobrepõem e se interconectam, resultando numa teia ou espiral dinâmica do desdobramento da consciência.

A abordagem liberal típica para dissolver tensões sociais é tratar igualmente todos os valores e depois tentar forçar um nivelamento ou redistribuição de recursos (dinheiro, direitos, mercadorias, terras), ao mesmo tempo em que deixa os valores intocados. A abordagem conservadora típica é considerar seus valores particulares e tentar impingir-los a todo mundo. A abordagem desenvolvimentista é reconhecer que há muitos valores e visões-de-mundo diferentes; que uns são mais complexos que outros; que muitos problemas de um estágio de desenvolvimento só podem ser minorados pela evolução para um nível mais elevado; e que somente reconhecendo e facilitando essa evolução poderá alcançar-se, finalmente, a justiça social. Mais ainda, reconhecendo que todas as pessoas possuem todos esses níveis potencialmente disponíveis, as linhas de tensão social são redesenhadas: não em termos de cor da pele, classe econômica ou ideologia política, mas sim no *tipo* de visão de mundo no qual a pessoa, grupo de pessoas, clã, tribo, negócio, governo, sistema educacional ou nação está operando. Como ressaltado por Beck, “o foco não é em tipos *de* pessoas, mas em tipos *nas* pessoas”. Isto tira a cor da pele do jogo e focaliza alguns dos verdadeiros fatores subjacentes (valores e visões-de-mundo) que geram as

¹⁵ Os termos entre parênteses são usados por Wilber. Ver, por exemplo, *Éden: Queda ou Ascensão?* e *O Projeto Atman*. (N.T.)

tensões sociais; foi exatamente essa abordagem que ajudou a desmantelar o *apartheid* na África do Sul.

Beck e Cowan usam vários nomes e cores¹⁶ para se referir a esses diferentes oito níveis do ser. Mas estes não são simplesmente fases que passam, no desdobramento do eu; são capacidades e estratégias de atuação permanentemente disponíveis que, uma vez emersas, são ativadas conforme as condições de vida apropriadas (e.g. instintos de sobrevivência podem ser ativados em situações de perigo; capacidades de ligação são ativadas em relacionamentos humanos íntimos, e assim por diante).

Os seis primeiros níveis são “níveis de subsistência” marcados pelo “pensamento de primeira camada”.¹⁷ A partir daí, ocorre uma guinada revolucionária na consciência: a emergência dos “níveis do ser” e do “pensamento de segunda camada”.¹⁸ A seguir, uma breve descrição das oito ondas, a porcentagem da população mundial em cada onda e a porcentagem de poder social que cada uma detém.¹⁹

Níveis de Subsistência (Pensamento de Primeira Camada)

1. Bege: Arcaico-Instintivo²⁰

Nível básico de sobrevivência; alimento, água, aquecimento, sexo e segurança são prioritários. Usa hábitos e instintos apenas para sobreviver. A individualidade está no início do despertar e quase não se sustenta. Reúnem-se em *bandos de sobrevivência* para perpetuar a vida.

Onde é encontrado: primeiras sociedades humanas, recém-nascidos, pessoas senis, pessoas em estágio avançado do mal de Alzheimer, moradores de rua mentalmente doentes, massas famintas, pessoas com traumas de guerra.

0,1% da população mundial adulta. 0% de poder.²¹

¹⁶ As cores foram escolhidas de acordo com características pertinentes aos níveis. À medida que forem aparecendo, será informada a razão de sua escolha. (N.T.)

¹⁷ No pensamento de primeira camada, cada nível acha que é o único verdadeiro, que os demais níveis devem ser combatidos e seus seguidores, convencidos das suas “verdades superiores” (proselitismo). (N.T.)

¹⁸ O pensamento de segunda camada reconhece e respeita todos os níveis da espiral. “A Diretriz Fundamental é a saúde da espiral completa e não o tratamento preferencial para algum nível específico.” (N.T.)

¹⁹ Em notas de rodapé serão apresentados paralelos entre os níveis de Beck e Cowan e as fases de desenvolvimento do ser humano descritas pelo místico cristão contemporâneo Jim Marion no livro *Putting on the mind of Christ*. Jim Marion (J.M.) segue a estrutura básica da obra de Ken Wilber. (N.T.)

²⁰ A cor bege lembra as savanas africanas. (N.T.)

²¹ A consciência arcaica dos bebês se desenvolve através de dois marcos espirituais essenciais: primeiro, a diferenciação entre o seu próprio corpo e o da mãe; segundo, a posterior diferenciação entre as suas emoções e as da mãe. Princípios espirituais críticos podem ser inferidos dessas duas passagens, princípios que serão aplicados ao longo de todo o caminho espiritual. Por exemplo, cada nível de consciência será menos egocêntrico que o anterior e cada novo nível permitirá que a mente da pessoa fique mais livre da matéria. (J.M.)

2. Roxo: Mágico-Animista²²

O pensamento é animista; espíritos mágicos, bons e maus, fervilham pela Terra trazendo bênçãos, maldições e encantamentos que determinam os acontecimentos. Reúnem-se em *tribos étnicas*. Os espíritos existem nos antepassados e aglutinam a tribo. Parentesco e linhagem estabelecem os vínculos políticos. Aparenta ser “holístico”, mas na verdade é atomístico: “Há um nome para cada curva do rio, mas nenhum nome para o rio.”

Onde é encontrado: crença em maldições do tipo vodu, juramentos de sangue, ressentimentos antigos, feitiços de boa-sorte, rituais de família, superstições e crenças étnicas mágicas. Forte em comunidades do terceiro-mundo, gangues, equipes esportivas e “tribos” corporativas.

10% da população mundial. 1% de poder.²³

3. Vermelho: Deuses de Poder²⁴

Primeira emergência do eu distinto da tribo; poderoso, impulsivo, egocêntrico, heroico. Espíritos mágico-míticos, dragões, feras e gente poderosa. Deuses e deusas arquetípicos, seres poderosos, forças com que se pode contar, tanto boas quanto más. Senhores feudais protegem os servos em troca de obediência e trabalho. A base dos *impérios feudais* – poder e glória. O mundo é uma selva cheia de ameaças e de predadores. Conquista, engana e domina; aproveita ao máximo, sem desculpa ou remorso.

Onde é encontrado: “*Terrible twos*”,²⁵ juventude rebelde, mentalidades *borderline*, reinos feudais, heróis épicos, vilões de James Bond, líderes de gangues, soldados mercenários, narcisismo *new-age*, astros de *rock* pesado, Átila o Huno, *Lord of the Flies*.²⁶

20% da população mundial. 5% de poder.

4. Azul: Regra Conformista²⁷

A vida tem significado, direção e propósito, com eventos determinados por um todo-poderoso Outro ou Ordem. Esta Ordem justa impõe um código de conduta baseado em princípios absolutos e invariáveis de “certo” e “errado”. A violação do código ou das regras apresenta severas, e talvez

²² O roxo é a cor dos chefes tribais e dos monarcas. (N.T.)

²³ A consciência mágica é o nível de consciência da criança entre dois e sete anos. O pensamento mágico típico desse nível inclui o mundo “politeísta” de deuses, demônios, fadas e outras criaturas que habitam seu mundo interior. Nesta fase, ela normalmente não é capaz de distinguir entre o conteúdo da sua mente e o mundo exterior. A criança ainda é egocêntrica e acredita que o mundo gira em torno dela. (J.M.)

²⁴ O vermelho lembra as emoções de sangue quente e o “fogo nos seus olhos”. (N.T.)

²⁵ “Os Terríveis Dois” – expressão cunhada por Margareth Mahler para “os dois anos da criança”, quando ela começa a formar sua personalidade. (N.T.)

²⁶ *O Senhor das Moscas*. Provocante romance de William Golding escrito em 1954. O livro descreve em detalhe as horripilantes explorações de um bando de crianças que passam por uma impressionante transição da civilização para a barbárie. Apresenta uma visão pessimista, pretendendo demonstrar que o homem está inerentemente ligado à sociedade e, fora dela, muito provavelmente retornaria à selvageria. (N.T.)

²⁷ O azul representa o céu, o paraíso, o crente. (N.T.)

permanentes, repercussões. A obediência ao código gera recompensas para os fiéis. Base das *nações antigas*. Hierarquias sociais rígidas; paternalista; um, e apenas um, modo correto de pensar sobre tudo. Lei e ordem; impulsividade controlada através da culpa; crença concreto-literal e fundamentalista; obediência à regra da Ordem. Frequentemente, a Ordem ou Missão é “religiosa” [no sentido da associação-mítica; Graves e Beck referem-se a isto como o nível “santo/absolutista”], mas pode ser secular ou atea.

Onde é encontrado: América Puritana, China Confucionista, Inglaterra Dickensiana, disciplina de Singapura, códigos de cavalheirismo e de honra, boas-ações caridosas, Fundamentalismo Islâmico, Escoteiros e Bandeirantes, “maioria moralista”, patriotismo.

40% da população mundial. 30% de poder.²⁸

5. Laranja: Realização Científica²⁹

Neste nível, o eu “liberta-se” da “mentalidade de rebanho” do nível azul e procura a verdade e o significado em termos individualistas – hipotético-dedutivos, experimentais, objetivos, mecanicistas, operacionais – “científicos” no sentido típico. O mundo é uma máquina racional bem lubrificada com leis naturais que podem ser aprendidas, controladas e manipuladas visando a interesses próprios. Altamente orientado para a conquista de objetivos; na América, especialmente para ganhos materiais. As leis da ciência regulam a política, a economia e os acontecimentos humanos. O mundo é um tabuleiro de xadrez onde partidas são jogadas e os vencedores conquistam superioridade e privilégios em detrimento dos perdedores. Alianças de mercado; manipulação dos recursos naturais visando a ganhos estratégicos. Base dos *estados corporativos*.

Onde é encontrado: O Iluminismo, *Atlas Shrugged*³⁰ de Ayn Rand, Wall Street, a Riviera, classe média emergente em todo o mundo, indústria de cosméticos, caça de troféus, colonialismo, a Guerra Fria, indústria da moda, materialismo, autointeresse liberal.

30% da população mundial. 50% de poder.³¹

²⁸ Jim Marion colapsa os níveis vermelho e azul no nível da consciência mítica: “A consciência mítica é o nível de consciência da criança dos sete anos até a adolescência; é o primeiro dos níveis mentais. É a emersão da mente ou ego na consciência da criança. Neste nível, ela acredita que ‘Deus no Céu’, tanto quanto seus pais, pode realizar qualquer tipo de milagre para atender a seus anseios. É um nível conformista, de lei e ordem no qual tudo no mundo provinciano da criança é visto como o ‘verdadeiro’ e o ‘melhor’. A criança aprende a definir-se através de regras e papéis convencionais e sente-se valorizada por seguir essas ‘leis’ e comportar-se adequadamente. Até pouco tempo, o nível mítico de consciência era o nível dominante em todas as religiões ‘universais’, inclusive no Cristianismo.” (N.T.)

²⁹ A cor laranja representa a energia radiante do aço numa fornalha industrial. (N.T.)

³⁰ *A Revolta de Atlas*. Romance publicado em 1957. Trata da impressionante história de um homem que diz que pararia o motor do mundo – e o faz. De acordo com pesquisa conjunta da Biblioteca do Congresso e do Clube do Livro, foi considerado o mais influente livro nos EUA, após a Bíblia. (N.T.)

³¹ A consciência racional, o segundo nível mental, é a consciência dominante da época atual e o nível de consciência mais ou menos alcançado pelo adulto médio da sociedade contemporânea. No mundo de hoje, a passagem da consciência mítica para a racional é a principal tarefa espiritual da adolescência. Os adolescentes encontram sérias dificuldades quando suas denominações cristãs não compreendem essa passagem e, às vezes, tentam mantê-los no nível mítico de compreensão. Há diversos caminhos para auxiliar os jovens a navegar por essa passagem espiritual; por exemplo, ensinando-lhes uma técnica de meditação científica e dando-lhes orientações para prece. (J.M.)

6. Verde: O Eu Sensível³²

Comunitário, vínculo humano, sensibilidade ecológica, operação em rede. O espírito humano deve livrar-se da ganância, dos dogmas, das divergências; sentimentos e cuidados substituem a fria racionalidade; acalentar a Terra, Gaia, a vida. Contra hierarquias; estabelece ligações laterais. Eu permeável, eu relacional, interrelacionamento de grupos. Ênfase no diálogo e nos relacionamentos. Base das *comunidades coletivas* (isto é, afiliações, baseadas em sentimentos comuns, escolhidas livremente). Decide através da reconciliação e do consenso (lado negativo: “processamento” interminável e incapacidade de chegar a decisões). Renova a espiritualidade, cria harmonia, enriquece o potencial humano. Fortemente igualitário, anti-hierárquico, valores pluralistas, construção social da realidade, diversidade, multiculturalismo, sistemas relativos de valores; esta visão de mundo é frequentemente denominada de *relativismo pluralista*. Pensamento subjetivo, não-linear; mostra um alto grau de calor humano, sensibilidade e cuidado pela Terra e por todos os seus habitantes.

Onde é encontrado: ecologia profunda, pós-modernismo, idealismo holandês, aconselhamento rogeriano, sistema de saúde canadense, psicologia humanística, teologia da libertação, Conselho Mundial de Igrejas, Greenpeace, direitos dos animais, ecofeminismo, pós-colonialismo, Foucault/Derrida, o politicamente correto, movimentos de diversidade, assuntos de direitos humanos, ecopsicologia.

10% da população mundial. 15% de poder.

Níveis do Ser (Pensamento de Segunda Camada)

7. Amarelo: Integrativo³³

A vida é um caleidoscópio de hierarquias naturais (holarquias³⁴), sistemas e formas. Flexibilidade, espontaneidade e funcionalidade têm a máxima prioridade. Diferenças e pluralidades podem ser integradas em fluxos naturais interdependentes. Igualdade é complementada por graus naturais de excelência, onde apropriado. Conhecimento e competência devem substituir posição, poder, status ou grupo. A ordem mundial prevaiente é resultado de diferentes níveis de realidade e dos inevitáveis padrões de movimento para cima e para baixo na espiral do desenvolvimento. Boa autoridade facilita a emergência de entidades através dos níveis de crescente complexidade (hierarquia nidiforme).

³² O verde representa as florestas, a consciência ecológica, a política dos verdes. (N.T.)

³³ O amarelo representa a energia solar e as tecnologias alternativas. (N.T.)

³⁴ Holarquia é uma hierarquia de hólons (hierarquia natural de crescimento, diferentemente de uma hierarquia humana de poder). Hólons são totalidades num nível e partes num nível superior. Como exemplo, consideremos a holarquia do corpo humano: ele é formado por sistemas, que são formados por órgãos, que são formados por tecidos, que são formados por células, que são formadas por moléculas, que são formadas por átomos, que são formados por partículas subatômicas, que são formadas por quarks, e assim por diante. Uma das características básicas de uma holarquia é que cada nível superior transcende, mas inclui os níveis inferiores. Assim, uma holarquia sinaliza a direção da evolução: moléculas contêm átomos, porém átomos não contêm moléculas. (N.T.)

8. Turquesa: Holístico³⁵

Sistema holístico universal, hólons/ondas de energias integrativas; une sentimento e conhecimento [centauro]; múltiplos níveis interconectados num sistema consciente. Ordem universal, mas num modo vivo e consciente, não baseado em regras externas (azul) ou ligações de grupo (verde). É possível uma “grande unificação” em teoria e na prática. Algumas vezes envolve a emergência de uma nova espiritualidade como uma teia de toda a existência. O pensamento turquesa usa a espiral completa; vê múltiplos níveis de interação; detecta harmônicos, as forças místicas e os estados de fluxos que permeiam todas as organizações. ... A Diretriz Fundamental é a saúde da espiral completa e não o tratamento preferencial para algum nível específico.

Pensamento de segunda camada: 1% da população mundial. 5% de poder.³⁶

Onde é encontrado: com apenas 1% da população no pensamento de segunda camada (e somente 0,1% no nível turquesa), a consciência de segunda camada é relativamente rara, sendo, atualmente, a “ponta de lança” da evolução coletiva da humanidade. Como exemplos, Beck e Cowan mencionam itens como a noosfera de Teilhard de Chardin e o crescimento da psicologia transpessoal, com aumentos na frequência definitivamente ocorrendo – e até mesmo níveis mais elevados em futuro próximo...³⁷

³⁵ Turquesa é a cor dos oceanos e da Terra, quando vistos do espaço. (N.T.)

³⁶ Aqui, mais uma vez, Jim Marion colapsa os níveis verde, amarelo e turquesa (na classificação de Ken Wilber: visão-lógica inferior, visão-lógica média e visão-lógica superior, respectivamente): “A consciência visão-lógica é o mais alto dos três níveis mentais de consciência. É encontrado em grandes artistas, escritores, financistas internacionais, cientistas e filósofos. As principais características da visão-lógica são a identificação do eu com a mente abstrata e a capacidade de pensar através de muitas perspectivas diferentes. A consciência visão-lógica é global no interesse e preocupação por outras pessoas. É capaz de abraçar problemas globais que nenhuma nação ou sociedade tem capacidade para resolver. Por outro lado, a visão-lógica também apresenta seu lado negativo na forma de considerável angústia interior. Cada vez mais, as lideranças de muitos campos estão se movendo para este nível. Entretanto, este movimento social é visto como ameaçador e sofre a oposição de muitos cristãos (fundamentalistas de todas as denominações) cuja consciência ainda se mantém no nível mítico [vermelho e azul].” (N.T.)

³⁷ Beck e Cowan param no último nível pessoal. Entretanto, aceitam o fato de que haja níveis transpessoais (pensamento de terceira camada). (N.T.)

Apêndice B

Tradução da figura 4

Dimensions of the AQAL Matrix and Political Scales	Dimensões da Matriz AQAL e Escalas Políticas
The moment-to-moment pressure of experience gives rise to political parties.	A pressão da experiência de cada momento dá origem a partidos políticos.
Four Major Scales	Quatro Escalas Maiores
1. internal/external	1. interno/externo
2. individual/collective	2. individual/coletivo
3. transformation/translation	3. transformação/translação
4. level, stage, or altitude	4. nível, estágio ou altitude
Transformation	Transformação
(movement to higher level or sphere)	(movimento para o nível ou esfera superior)
Translation	Translação
(movement on the same level or sphere)	(movimento no mesmo nível ou esfera)
Eros (Unhealthy: Phobos)	Eros (Doentio: Fobos)
agency	ação
communion	comunhão
introversion	introversão
extroversion	extroversão
Agape (Unhealthy: Thanatos)	Ágape (Doentio: Tânatos)
1st Tier	1ª Camada
Magenta	Magenta
Red	Vermelho
Amber	Âmbar
Orange	Laranja
Green	Verde
2nd Tier	2ª Camada
Teal	Azul-esverdeado ou Verde-água
Turquoise	Turquesa
3rd Tier	3ª Camada
Indigo	Índigo
Violet	Violeta
Development is Envelopment	Desenvolvimento é Envolvimento
Concentric spheres of increasing consciousness, love and embrace – with a single slice or level taken out and expanded above.	Esferas concêntricas de consciência, amor e inclusão crescentes – com uma única fatia ou nível ressaltado e expandido acima.